

Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas

POR

ABEL VIANA

(Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura)

I — PREÂMBULO

De modo algum se pretende nestas linhas esboçar, mesmo sumariamente, o quadro das investigações até hoje realizadas no arqueologicamente opulento concelho de Elvas e nos seus limites. Não vou, sequer, inventariar algumas das mais notáveis ou mais curiosas peças do museu elvense, tarefa em que desejo, dentro de mais ou menos tempo, tomar parte.

Posto em contacto, por Domingos Lavadinho, Director da Biblioteca Municipal e Museu Arqueológico de Elvas, com António Dias de Deus, funcionário superior da Colónia Correccional de Vila Fernando, é quanto à actividade deste sagaz embora modesto pesquisador que eu faço a presente exposição, significando esta o anúncio da série de estudos especiais que António Dias e eu nos propomos publicar.

Em Outubro de 1948, Lavadinho falara-me de António Dias e da sua oportuna intervenção quando os acasos dos trabalhos agrícolas revelavam a existência de monumentos e estações arqueológicas. Bem relacionado com a população do termo elvense, raro surgirá por ali coisa de interesse cuja notícia não seja logo levada a António Dias, e este prestes acode ao local, não se poupando a incómodos e a despesas de deslocação, de gratificações aos alvissareiros e de jornas a cavadores. Devo acen-

tuar que António Dias de Deus, além de desempenhar um trabalho e absorvente cargo público, está longe de ter proventos compatíveis com os dispêndios a que o amor da arqueologia o impele.

Nesse primeiro encontro com Domingos Lavadinho, ficou assente a minha colaboração com Dias de Deus. De 26 de Julho a 8 de Agosto do ano corrente, permaneci em Elvas e em Vila Fernando. Lavadinho facultou-me o estudo dos objectos oferecidos por António Dias ao Museu Arqueológico de Elvas. Em Vila Fernando, examinei o material ali existente, e com o seu descobridor visitei vários locais, mais detidamente as estações da Ter rugem, Carrão e Chaminé, participando em uma sondagem nesta última.

Dias de Deus não tinha apontamentos das suas numerosas investigações, mas a sua viva memória permitiu que eu redigisse as seguintes notas.

II — LISTA CRONOLÓGICA DAS PESQUISAS

1 *Anta do Genemigo*. — As investigações arqueológicas de António Dias de Deus, nos arredores de Vila Fernando, começaram em 1934, por sugestão de outro funcionário da Colónia, António Luís Agostinho.

O primeiro estudo foi na Anta da Herdade do Genemigo (Jeremigo, ou Joãonimigo — talvez do nome de um seu remoto possuidor), já na freguesia de Barbacena, monumento que havia sido explorado por Dom Agostinho Galante, de nacionalidade espanhola, uns quarenta anos antes.

Apesar disso, acharam nas camadas inferiores do terreno algumas vasilhas e crânios, tudo isto cortado pela parte de cima, dando a impressão de que o solo, no interior da anta, em vez de ter sido cavado até o fundo, fora raspado de cima para baixo, por sucessivas camadas, mas sem profundarem muito a escavação.

Próximo notaram a existência de uma pedra isolada, cravada a prumo, possivelmente esteio de outra anta. Cavando junto dela, encontraram um machado de pedra polida e fragmentos de cerâmica grosseira. No lado oposto à anta, estava uma pedra deitada, parecendo posta ali propositadamente para qualquer marcação. Aí colheram uma lousa ornamentada (objecto a que sempre me referirei pelo nome geralmente adoptado: ídolo-placa).

Continuando a procurar paralelamente ao corredor da anta, descobriram cerca de uma dúzia de esqueletos humanos, completos, tendo cada qual junto ao crânio vasilhas, contas de colar, facas de sílex e ídolos-placas.

Achavam-se estes esqueletos alinhados no prolongamento uns dos outros, formando fila paralela ao corredor da anta e dois metros distanciada dele.

No topo desta espécie de sepultura existia um recinto rectangular, com pouco mais de um metro quadrado, o qual continha mais de um cento de calhaus rolados, todos eles com formas semelhantes a instrumentos de pedra polida. Como no local desta anta, assim como nas imediações, se não encontram destes seixos, pode concluir-se que foram para ali levados da margem do Caia, ou da do Guadiana.

Nesta mesma herdade, descobriram depois, nos fins de 1935 ou começos de 1936, mais duas antas que possivelmente já haviam sido violadas. De uma delas obtiveram uma conta grande, ovóide, de cor azul e raiada de branco.

Em volta do mesmo local, havia muitos fragmentos de tégula e muitos blocos de granito, aparelhados, assim como uma pedra cilíndrica, com aspecto de marco miliário.

À distância de 500 metros, mais ou menos, foi achada outra anta, da qual restavam unicamente dois esteios. Aí se encontrou um machado.

Ainda nesta mesma herdade, registaram a existência de outra anta. Estava completamente devassada.

Próximo se notavam restos de habitações, em série. Eram alicerces de casas redondas, como as dos castros do norte de Portugal e da Galiza. Junto destes alicerces, viam-se muitos fragmentos de tégulas. A própria anta mostrava indícios de ter sido aproveitada para qualquer fim, na época romana, visto conter muitos bocados de vidro, ferro e de cobre, ou bronze, pertencentes à referida época.

Esta Herdade do Genemigo figura na carta de 1/50.000 com o nome de Campos.

2 *Anta do Barrocal.* — A Herdade do Barrocal pertence já à freguesia de Vila Fernando. A anta conservava somente três esteios limitando um recinto triangular. Pela parte de trás da pedra que se podia considerar como cabeceira havia uma vasilha de barro, muito baixa, quase com a forma de prato (Fig. 1 n.º 7). Mais tarde, achou-se na terra extraída da anta, e que então foi crivada, uma ponta de flecha, de cobre ou de bronze.

Próximo desta anta foram colhidos vários fragmentos de mós célticas, constituídas por calhaus mais ou menos achata-dos e arredondados, com a característica concavidade em uma das faces.

3 *Anta de Vila Fernando.* — Esta situa-se dentro da Herdade de Vila Fernando, isto é, da Colónia Correccional. Conserva dois esteios da câmara e o corredor. Tinha sido revolvida na ocasião em que o espanhol, D. Agostinho Galante, pesquisou a Anta do Genemigo. Dentro, encontraram-se fragmentos de facas.

Em volta, ao cimo da terra, colheram-se três ou quatro machados de pedra polida e alguns pedaços de pontas de flecha e de facas (Fig. 1, n.º 6).

4 *Anta de Alcarapinha.* — Alcarapinha pertence também à freguesia de Vila Fernando.

Aqui se estudou uma anta de esteios muito baixos e com corredor muito desenvolvido (Fig. 2, n.º 6). Dentro estavam sete esqueletos dispostos da seguinte maneira: os crânios juntavam-se ao centro, formando círculo, encostados uns aos outros; os corpos estendiam-se na direcção dos esteios, lado a lado. Os cadáveres foram, pois, arrumados radialmente mas, como o espaço da câmara sepulcral não chegava para serem colocados estendidos, encurvaram-nos paralelamente uns aos outros. O conjunto apresentava a configuração de um suástica de ramos curvos.

Além das ossadas, havia uma conta grande, de xisto negro e, à entrada da câmara, um machado de pedra, muito perfeito.

5 *Anta n.º 2, da Herdade de Vila Fernando.* — O monumento apresenta a forma de cista megalítica (Fig. 1, n.º 2), mais larga em uma das extremidades que na outra. O seu estudo efectuou-se no ano de 1940 e forneceu uma vasilha de barro, pequenina, com uns quatro centímetros de altura, de forma ovóide truncado nas extremidades, mais pronunciadamente no fundo, que era chato (Fig. 1, n.º 8); uma pequena faca de sílex; uma lâminazinha de cristal de rocha e, no topo mais largo do monumento, um machado.

(Neste ano de 1940, começaram António Dias de Deus e António Luís Agostinho a dedicar-se à colheita de materiais da época romana).

6 *Segundo jazigo de Alcarapinha.* — Junto de três sepulturas romanas, em uma das quais foram achados dois brincos de bronze, um deles com uma pedra azulada, semelhando vidro, afloravam restos de uma anta. Tudo isto ficava à distância de uns 40 metros da anta a que me refiro em o n.º 4.

Como tivesse aparecido junto às sepulturas uma pequena conta discóide, de xisto, resolveu António Dias cavar em diversas direcções, a partir das sepulturas, achando aí um espaço, bastante mais amplo que o da câmara de um dólmen vulgar, cuja camada profunda era constituída por uma oleosa e rija massa de cinzas e ossos calcinados. Por cima desta camada colheu 300 contas de colar, de vários tamanhos e formatos. Entre elas havia um pingente, ou enfeite de colar, talvez de calaíte verde. Este pingente é de secção quadrada, com uma das extremidades plana e a outra semicircular. Naquela encontra-se o orifício de suspensão (Fig. 2, n.º 7).

Quanto às contas, são de materiais diferentes: âmbar, osso, calaíte, calcário branco, xisto ardoso, etc.

Achou mais: várias facas de sílex, inteiras, e muitos fragmentos de outras; muitas pontas de flecha, salientando-se uma série de cristal de rocha; umas oito placas de xisto, entre inteiras e fragmentadas, ornadas em uma só face ou nas duas (ídolos-placas). Algumas destas placas eram muito pequenas. Predominavam as de composição formada por elementos triangulares. Algumas eram feitas de xisto grosseiro, de cor esverdeada.

Também aí se descobriram fragmentos de cerâmica grosseira, sem ornatos.

O melhor dos objectos ali colhidos foi, porém, numa alabarda de sílex acastanhado. Trata-se de um belo exemplar, embora, certamente pela acção do fogo, esteja estalado.

Relativamente a instrumentos de pedra polida, encontraram-se apenas três ou quatro machados.

Este foi o resultado da pesquisa de 1940. Em 1943, António Dias de Deus fez uma crivagem da terra anteriormente revolvida, do que resultou a colheita de mais de 300 contas de colar e de mais de meio cento de pontas de flecha. Este material, em parte aqui reproduzido em desenho e fotografia, está repartido pela

colecção de António Dias e pela do Museu Arqueológico de Elvas (Est. V, n.ºs 37 e 39, e Figs. 3 e 4, n.ºs 1 a 22 e 20 a 22).

Com excepção dos objectos colhidos nesta busca de 1947, todos os mais ficaram em poder dos herdeiros de António Luís Agostinho. Parece que esta notável colecção se encontra actualmente no Museu de Machado de Castro (Coimbra).

Antes da segunda pesquisa do jazigo de Alcarapinha — jazigo que podia ter sido um dólmen, do qual, na época romana, teriam sido tirados os esteios, para a construção das três sepulturas que ali à beira se vêem —, era já falecido António Agostinho. Desse momento em diante, portanto, o trabalho de pesquisa passou a ser exclusivamente de António Dias de Deus.

7 *Anta da Sobreira.* — Na freguesia de Vila Fernando. Foi estudada ainda no tempo de Agostinho. Continha apenas ossos. Houve informações de que tinha sido pesquisada uns cinquenta anos antes pelos engenheiros portugueses que trabalharam nas edificações da Colónia de Vila Fernando.

A anta (Fig. 1, n.º 4) fica no cimo de um cerro chamado «As Alcarapinhas». Nesse local existe uma exploração de pedreira, aberta ao tempo da construção da Colónia. Durante a extracção da pedra, foram achados muitos machados de pedra polida, facas de sílex, etc., material que, segundo dizem, foi remetido, em dois caixotes, para Lisboa.

Um homem que trabalhou nessa pedreira afirma que nesta anta havia esqueletos colocados verticalmente, ou seja, de pé, tendo aos lados e no fundo «as ferramentas» — machados, percutores, facas, etc., de que foram alguns caixotes para Lisboa.

(Vid. 16) *Herdade do Carrão.* — Em 1942, António Dias foi avisado de que na Herdade do Carrão aparecia grande quanti-

dade de tijolos, tégulas e fragmentos de outras cerâmicas, e bem assim que se viam à superfície da terra extensos bocados de mosaico. Informaram-no também de que na ocasião da debulha os trabalhadores tinham achado uma cabeça de estátua, com a qual se divertiram, atirando-a uns aos outros, à maneira de bola. A despeito das diligências empregadas por António Dias, tal cabeça não voltou a aparecer. Viu, todavia, uns capitéis de granito, cujo destino se ignora, e várias moedas romanas, que conseguiu obter.

Nesta altura, além de António Dias e António Agostinho, começou a interessar-se pelas pesquisas o Padre Henrique Louro, pároco de Vila Fernando, o qual, em uma das suas visitas ao sítio, indo sozinho, praticou diversas sondagens, por meio de um ferro à maneira de trado de carpinteiro, com 80 centímetros de comprimento, conseguindo localizar um pavimento. Seguidamente, António Dias prosseguiu a investigação, verificando que o pavimento era de mosaico (*opus vermiculatum*). Este ficou descoberto durante algum tempo, até que, sabendo António Dias que as mulheres da monda, com os sachos, haviam destruído parte do mosaico, o mandou recobrir, conservando-se assim até princípios de 1948.

8 e 9 *Antas da Herdade dos Serrones*. — No mesmo ano de 1942, teve António Dias informação de que na Herdade dos Serrones fora encontrada uma sepultura trapezoidal, contendo peças de cerâmica, que os achadores partiram, porque um deles lembrou que a sepultura fosse de pessoa morta por mal de peste («morrinha»), e que com o defunto tivessem enterrado a louça que lhe pertencia.

António Dias foi ao local e tornou a abrir a sepultura, verificando que os fragmentos cerâmicos eram de *terra sigillata*, pertencentes a vasilhas do formato de «barris», pratos rasos e pra-

tos fundos. Havia também uma espécie de tigelas, de cerâmica mais grosseira. António Dias recolheu alguns fragmentos, tais como asas, gargalos, bordos, etc.

Notou, ainda, na parte central da sepultura, uma cavidade rectangular que estava cheia de cinzas.

Esta sepultura, como se disse, era trapezoidal e formada por lajes de xisto. Achava-se isolada, isto é, sem mais nenhuma à beira, e junto aos alicerces de uma casa, ao que parece, da época romana.

O exame desta sepultura conduziu à descoberta, ali próximo, de duas antas. Ficam na Herdade dos Serrones, ou dos Sarrones.

Uma delas (Fig. 1, n.º 2) é de esteios de granito com cerca de um metro de espessura, quadrada e sem corredor. Os esteios são muito grandes e foram para ali levados de longe, porquanto o granito só aparece à distância de quatro quilómetros daquele local.

A câmara tinha dentro blocos, também de granito, que se esboroavam facilmente. Parece ter sido esvaziada ao tempo em que o aludido pesquisador espanhol andou revolvendo os monumentos desta ordem, na região. O monumento era bem visível, já pelo notável tamanho dos esteios, já por estar em sítio dominante.

A poente desta, em uma pequena elevação mas em altitude bastante inferior, notou António Dias a existência de um esteio, em pé, e mais dois, deitados (Fig. 1, n.º 3). António Dias mandou erguer os esteios caídos e, pesquisando na câmara, achou um machado muito grosseiro e de rocha tão alterada que se esboroava. De pedra mais rija, apareceu um percutor.

(Conforme atrás ficou dito, neste ano de 1942, já os estudos eram feitos só por António Dias de Deus).

10 *Jazigo do Atalaião, ou Atalaia dos Sapateiros.* — No mesmo ano de 1942, começou António Dias a pesquisar o sítio do Ata-

laião, onde ainda existem alicerces e restos de paredes de fortificação antiga, já da época portuguesa. Parece, todavia, que esse pequeno fortim assentou em espessos alicerces de outra construção, provavelmente romana, que envolveu o âmbito da fortificação posterior.

No espaço compreendido entre as paredes das duas obras defensivas, notam-se vestígios de casas antigas, aparecendo aí muitos fragmentos de tégulas.

Há mais vestígios de casas na encosta de Nascente, até uma baixa onde a água abunda. Na encosta oposta (Poente), houve há dois séculos umas casas habitadas por uns sapateiros, segundo consta de documentos coevos. Desta circunstância veio ao cerro a designação de Atalaia dos Sapateiros. Nesta atalaia, precisamente no ponto onde existem sinais de fortificação, achou António Dias facas de sílex, umas inteiras, outras fragmentadas, pontas de seta, de sílex avermelhado e de xisto rijo (ao passo que as de Alcarapinha eram de pedra negra e de cristal de rocha), quer umas quer outras de formas muito primitivas, lembrando material neolítico, e até algumas peças mesolíticas.

Isto prova que as fortificações foram construídas no sítio onde existia uma anta, ou, dada a situação do local, uma póvoa, possivelmente neolítica. Se ali havia antas, os esteios destas foram aproveitados nas construções ulteriores.

Nesse mesmo local apareceram também machados de pedra polida e contas de colar, de barro cozido. Além de tudo isto, colheram-se muitos percutores e trituradores, estes mais ou menos esféricos, ou oblongos.

Quanto a vasilhame e material cerâmico de construção, havia muita quantidade de tégulas e de ímbrices, assim como telhas de tipo mourisco, muitos tijolos grandes, de tipo romano, com secção longitudinal trapezoidal e alguns de tamanho mais pequeno, do feitio de losango (Fig. 2, n.º 13).

Ainda atribuíveis à época romana, ou indubitavelmente dessa época, obtiveram-se bordos e asas de vasilhas (*terra sigillata*), um dado de jogar, de barro cozido, pesos de tear e diversas moedas, algumas das quais de *Emerita*.

11, 12, 13 e 14 *Antas da Herdade da Capela e da Herdade dos Negros*. — Em 1945, António Dias ouviu falar da Herdade das Amimoas, no que viu uma corruptela de «mamoas». Procurando o dono da herdade, este informou-o de que ali não havia antas, mas sim nas Amimoas de Baixo. Aquela herdade indicada a António Dias ficava nas Amimoas de Cima. Contudo, disse, uns quinhentos metros dali havia coisas antigas. Verificou-se existirem, realmente, destroços de um aqueduto, possivelmente romano, restos de casas com cunhais de granito, bocados de cerâmica romana, colhendo-se nessa ocasião uma moeda de bronze, também romana.

Tudo isto viu António Dias nessa brevíssima inspecção, vindo a saber que as antas das Amimoas haviam sido pesquisadas por Tomás Pires, de Barbacena. Numa delas recolheu uma linda enxó (machado chato).

Dali seguiu para as Amimoas de Baixo, onde lhe disseram que, de facto, existiam ali algumas antas mas, como estavam no meio da seara, não puderam nessa ocasião ser observadas.

Passou depois à Herdade da Capela, examinando uma anta, na qual se conservavam os esteios da câmara, que eram muito altos. A cobertura e o corredor tinham desaparecido. Cavando na câmara, achou somente um pedacito de ídolo-placa. Tomás Pires estudou-a igualmente, obtendo nela dois machados, uma goiva e fragmentos de ídolos-placas.

No regresso desta excursão, António Dias passou pela Herdade do Negro e notou que o caminho cortava o corredor

duma anta. Ao fazer uma ligeira sondagem, informaram-no de que ela fora também revolvida por D. Agostinho Galante.

O indivíduo de Barbacena que pesquisou as antas das Amimoas e da Capela era parente do notável folclorista Tomás Pires e seu homónimo. Consagrou-se a estas rebuscas, mercenariamente. Forneceu ao Museu de Elvas muitos objectos, que este pagava à razão de 400 réis por ídolo-placa e 100 réis por cada machado ou outra peça de pedra polida.

As cavadelas do Pires de Barbacena estenderam-se à zona de Pavia, onde de uma vez acompanhou José Leite de Vasconcelos.

António Dias averiguou, ainda, que Tomás Pires devassou ou rebuscou os seguintes monumentos:

Anta de Pena Clara, na freguesia de Barbacena. Achou, apenas, fragmentos de objectos de pedra polida. Parece que a anta havia sido já explorada.

Anta da Defesa, na freguesia de Vila Fernando. Nesta encontrou ídolos-placas, facas, serras, pontas de flechas e uma conta de colar, lapidada.

Anta do Reguengo, na freguesia de Barbacena. Aqui obteve mais de trinta ídolos-placas, muitos machados e bastantes vasos cerâmicos. Perto da anta há muitos vestígios de habitações romanas e ali recolheu vasilhas de barro, de vidro e outros objectos. Neste local conserva-se um lanço de caminho romano.

A *Anta da Coutada*, na freguesia de Barbacena e classificada monumento nacional, foi explorada por D. Agostinho Galante.

15 *Estação romano-visigótica da Terrugem*. — Em 1946, por indicação de Domingos Lavadinho, soube António Dias que na Terrugem, ao abrirem uma vala para condução de água, tinha aparecido uma sepultura. Indo ao local, mandou cavar ao lado da referida sepultura, descobrindo outras, todas trapezoidais,

(Vid. Fig. 19). Umam apresentavam a cabeceira formada por um só tijolo, muito grande; outras eram feitas apenas de tégulas, tanto as paredes, como o fundo e a cobertura. Ainda outras, eram construídas com lajes de xisto, ou com lâminas de mármore branco. Uma destas últimas tinha três varões de ferro a sustentar a cobertura. Continha uma grande bacia de cobre (Est. VI, n.º 45).

Outra sepultura, de pequeno tamanho, com os topos e fundo de tijolo, tinha uma colher de prata, com a seguinte inscrição na concavidade da concha:

AELIAS .VIVASIN . (*crismon*) (Fig. 19, e).

Forneceu também uma vasilha de vidro, que se desfez. Em duas outras sepulturas havia moedas romanas. Noutra, foram achados dois brincos de cobre. Ao lado das sepulturas apareceu uma conta de vidro. Apenas umas cinco estavam simetricamente dispostas. As cabeceiras orientavam-se indistintamente.

Algumas sepulturas tinham a meio de uma das paredes laterais um ossário. Dou o esquema de uma delas na Fig. 2, n.º 9, com as seguintes indicações: *t, t* — um só tijolo, grande; *x, x* — lajes de xisto.

Na maioria, cada uma destas sepulturas continha mais de um crânio, e uma houve de onde se tiraram oito.

Metendo-se ao centro desta necrópole, há uma edificação feita de blocos de granito, de uns 0^m,80 de comprido por 0^m,50 de largura e de espessura. Por baixo de um destes blocos foram achadas três moedas de bronze, romanas, perfuradas, mostrando, assim, terem sido usadas como adornos ou como amuletos.

Efectuada uma sondagem, cerca de 50 metros a norte das sepulturas, descobriram-se alicerces de um grande edifício, uma coluna de mármore, lisa, com 1^m,80 de altura, assim como uma

rosácea, também de mármore branco e com labores de estilo visigótico (Est. IX, n.º 53).

É desse mesmo sítio, também, um colunelo tosco (Est. IX, n.º 57). Desenterrou-o um trabalhador, quando andava lavrando. António Dias foi desencantá-lo no quintal de uma viúva que o tinha a servir de suporte para vaso. Consta-lhe que em outros quintais da Terrugem existem pedaços de colunas e de capitéis. Informaram-no de que há vinte anos, pelo antigo rendeiro da herdade, foram levadas algumas colunas para Elvas. Efectivamente, no Museu estão alguns fustes, grandes e lisos.

Paralelamente a um destes alicerces, havia dois canos, um deles formado por manilhas em forma de botija (Est. IX, n.º 52) e o outro por ladrilhos até certa altura, e depois por grossos telhões curvos.

Pouco ao lado, a 4 ou 5 metros de distância, efectuou António Dias outra sondagem, tendo posto a descoberto uma série de pequenos arcos de tijolo. É o conjunto típico do suporte do pavimento de um *caldarium*. Do pavimento restavam dispersos alguns tijolos pequenos e longos, em forma de paralelepípedo (Fig. 2, n.º 11). São de dois tamanhos.

Nesta sondagem foi achado um amuleto antropomorfo, de osso, da mesma espécie dos de Mérida (Fig. 14, n.º 12) e uma pequenina pá, também de osso (Fig. 14, n.º 11). Junto destes alicerces foram apanhadas moedas romanas, de bronze, sendo mais numerosas as do Baixo Império, e alguns chocalhos de diversos tamanhos, no geral grandes (Est. IX, n.º 51).

Outra sondagem realizada em ponto mais afastado revelou destroços de colunas de mármore branco.

A rosácea acima referida estava a servir de ralo em uma das supracitadas canalizações. Próximo dela foram achados muitos instrumentos cirúrgicos e um leão de bronze (Est. VII, n.º 47), que parece ter servido de perna de tripóde.

Por toda a área desta estação aparecem fragmentos de régulas e de tijolos de formatos diversos, entre os quais os de quadrante, para colunas (e também semicirculares), bocaditos de cerâmica e de vidros. Muito abundante a *terra sigillata*.

Esta última sondagem, que foi feita no ponto mais elevado da parte conhecida da estação, mostrou um pavimento de tijolos quadrados e outro de lajes de xisto. A seguir aos dois pavimentos, apareceu um *dolium*, e à beira deste sete moedas de bronze, romanas. Também aí surgiram fragmentos de utensílios de bronze, principalmente asas de caldeiro, ou de balde — *situla* — (Est. VII, n.º 47 e Fig. 18, n.ºs 1 a 5 e 9), assim como duas sertãs de cabo comprido e paredes muito delgadas, de tipo igual àquela de Alcaria (Caldas de Monchique), por mim, José Formosinho e Octávio da Veiga Ferreira descrita em trabalho que publicamos, e a outra proveniente de Aljezur, existente no Museu Regional de Lagos (inérita).

Fizeram-se mais duas sondagens, e em uma delas foram achados muitos objectos de ferro — foicinhas, argolas, elos de cadeias, compridos varões de ferro que podiam ter sido venábulos ou lanças de arremesso, etc. (Est. VII, n.º 47), a concha de uma colher de cobre semelhante à da colher atrás mencionada, uma campainha de bronze (Est. VII, n.º 47 e Fig. 18 n.º 6), uma vasilha de cobre, do feitio de garrafa (Est. VI, n.º 46), e diversas moedas, todas romanas.

O corte do terreno patenteou, a um metro de profundidade, uma camada de terra negra, humosa, e era nessa camada que jaziam tais objectos.

Na outra sondagem surgiram alicerces, pavimentos de tijolo, e outros pavimentos que parece terem sido feitos com grandes pedaços de cerâmica grossa, como cacos de *dolium*. Este ponto forneceu mais alguns chocalhos e bocados de vasilhas, tudo de cobre, e uma espécie de grelha formada por uma armação de

ferro e delgadas lâminas, também de ferro, dispostas paralelamente.

De modo que, neste local contíguo à aldeia da Terrugem, o cemitério ocupava a parte mais baixa do terreno. No ponto mais alto, havia aparecido, um ano antes, uma sepultura sem ser formada de lajes nem por tijolos; era um simples coval aberto no solo, e não continha ossos, mas apenas cinzas e umas quatro ou cinco vasilhas de barro. Estas peças foram abandonadas pelos achadores, tendo António Dias recolhido os fragmentos.

Sabe-se que naquela área têm aparecido várias sepulturas isoladas, com cerâmica, e que delas se extraíram duas lucernas.

16 *Estação romano-visigótica de Carrão.* — Como se disse, esta estação já estava conhecida, mas só em fins de 1946 António Dias de Deus teve ocasião para ali efectuar pesquisas, mesmo assim apenas parciais. Uma exploração metódica e total é empresa dispendiosa e grave, não podendo de maneira nenhuma ser levada a cabo por um simples particular e a expensas de modesta bolsa.

Nessas pequenas sondagens averiguou-se o seguinte:

De uma das pesquisas surgiu o alicerce de uma grande construção composta de numerosos compartimentos, alguns deles bastante vastos, todos rectangulares, havendo-os, porém, com um dos topos em semicírculo. Parece tratar-se de um único edifício, muito amplo, embora os pavimentos mostrem pelo menos quatro planos de nível diferente.

Vários destes pavimentos são de mosaico (*opus vermiculatum*). No compartimento maior até agora conhecido, o mosaico é de tesselas brancas amarelas e pretas (cinzento-escuro) — isto na pequena parte que se pôs à vista.

Na espécie de corredor para onde abre a larga porta desta grande sala, o mosaico é de painéis com tesselas das cores

seguintes: amarelo-torrado, branco, cinzento-claro, azul-escuro, vermelho e cor-de-rosa. Este pavimento, que designo por n.º 2, está 20 centímetros acima do nível do n.º 1.

O pavimento n.º 3, que pertence a um compartimento de ligação, é também revestido de mosaico semelhante ao n.º 2, com exclusão da cor-de-rosa.

O pavimento n.º 4, por estar muito superficial, acha-se muitíssimo estragado. Tem as mesmas cores que o anterior. Fica uns 30 centímetros acima do pavimento n.º 3.

O n.º 5 pertence a uma sala com um dos topos em semicírculo. O mosaico está conservado na metade longitudinal, do lado do Sul. A outra metade acha-se provavelmente destruída pela passagem dos arados, visto ter sobre si delgada camada de terra. O centro deste mosaico é ocupado por um pequeno painel quadrado representando uma amazona (Est. VIII).

Um sexto compartimento, que deve ser, também, o piso de uma grande sala, está forrado de mosaico, segundo parece, em perfeito estado de conservação, devido à camada de terra que o cobre (uns 0^m,80 de espessura).

Fizeram-se outras sondagens, para o lado de Poente.

Referi somente o respeitante aos mosaicos que se puseram a descoberto em pequena parte, uma vez que o restante só pode ser verificado mediante extensas escavações. As reduzidas superfícies desenterradas foram seguidamente cobertas de terra, a fim de evitar a sua destruição por curiosos ou tentativas de arranque por coleccionadores inconscientes e bárbaros.

A configuração geral do terreno é como uma série de grandes socacos escalonados, sem grande diferença de nível, dominando uma baixa bastante extensa, na direcção do Norte, baixa esta que foi regada, pois existem ainda duas represas a funcionar e uma outra, mais próxima destas ruínas, presentemente entulhada.

Por toda esta encosta suave se vêem grandes silhares de granito, muitos dos quais em seu lugar primitivo, isto é, marcando o sítio dos cunhais de edificios. Por aí aparece também copiosa quantidade de moedas romanas.

Não muito longe, na direcção do Sul, outra sondagem denunciou a existência de um alicerce, já muito destruído, e junto dele colheram-se muitos bocados de cerâmica, em grande porção *terra sigillata*, e ainda uma dúzia de alfinetes de osso, dos que se usaram no cabelo (*acus crinalis*). Alguns destes alfinetes estão inteiros.

A Nascente deste último ponto, fez-se outra ligeira pesquisa, descobrindo-se o alicerce de outra casa grande, com pavimento de tijolos quadrados. Por baixo dele passava um canal de drenagem, feito de tijolos rectangulares. Neste ponto apareceram muitos fundos de ânfora.

17 *Cemitério romano-visigótico da Chaminé.* — Começando por cavar ao redor de uma pequena pedra saliente em uma pouco elevada lomba do terreno, António Dias efectuou, na Tapada da Chaminé, a descoberta de 25 sepulturas, orientadas no sentido Norte-Sul. Calcula-se que isto represente metade da necrópole.

As sepulturas são trapezoidais, umas com as paredes laterais formadas por lajes de granito, outras por lajes de xisto. Apresentaram-se dois casos de sepulturas sobrepostas. As de baixo eram maiores e de construção mais perfeita, com as lajes bem unidas, e de traçado rectangular, ao passo que as de cima eram trapezoidais e mais mal cuidadas.

Quanto ao fundo, na maioria das sepulturas, era formado por lajes, e nas restantes por terra virgem, ou seja, pelo solo.

Em grande parte delas, achou-se no fundo jorra de ferro, sendo que estas escórias estavam presentes em todas as sepulturas cujo fundo era de terra.

Só as mais superficiais não conservavam cobertura. Esta era constituída por lajes. Em duas sepulturas as lajes da cobertura eram grossíssimas, de pedra negra, com a superfície irregular (grauvaque). Logo por baixo de uma destas lajes, achava-se o esqueleto, inteiro. Em três sepulturas, havia, além dos esqueletos, algumas vasilhas de barro grosseiro, peças que eu também fotografiei em Julho-Agosto deste ano de 1949.

Em duas havia moedas romanas, do Baixo Império, e em outras duas colheram-se alfinetes de osso, partidos.

Esta pesquisa foi iniciada em Março de 1948.

Cerca de 40 metros desta necrópole, está o pavimento de uma casa, junto de um poço antigo, este com paramento interno de alvenaria. É, provavelmente, romano.

Além deste compartimento, há outros contíguos, cuja extensão só pode ser verificada mediante extensa escavação. Tudo indica, todavia, que a parte agora visível seja apenas pequena porção de um conjunto de edifícios semelhante ao que atrás deixei apontado, se não for, conforme também suspeito, resto de um balneário.

O pavimento, único até agora ali posto a descoberto, é de mosaico e nele entram, como motivos ornamentais, pequenas cruces de braços iguais e pares de bolotas. As tesselas são das cores seguintes: branco, cinzento-claro, amarelo, vermelho e azul-escuro (que dá o efeito de preto).

Conforme ficou dito, em toda a volta deste pavimento há sinais de alicerces que denunciam restos de numerosos edifícios, ou de corpos de edifício.

18 *Anta da Chaminé.* — Dela restavam somente dois esteios em pé. Os mais estavam partidos e enterrados. Nesta anta identificaram-se perfeitamente quatro esqueletos. Pela disposição dos mesmos, parece haverem sido enterrados de pé. A sondagem foi

profundada até mais de um metro, aparecendo primeiro os crânios e, sucessivamente, à medida que se ia cavando mais para o fundo, o resto dos esqueletos: vértebras e ossos dos membros superiores, os das bacias e, finalmente, os dos membros inferiores.

Achou-se uma enxó (Est. VI, n.º 42, e Fig. 6, a) e duas pequeninas contas discóides, de xisto. Colheram-se também alguns fragmentos de cerâmica negra.

A planta deste monumento vai esboçada na Fig. 1, n.º 1.

19 *Necrópole da Idade do Ferro, na Chaminé.* — O estudo desta magnífica estação começou em Março de 1949. Denunciou-a um facto accidental.

Ao abrirem covas para plantação de oliveiras, os trabalhadores ocupados nesse serviço encontraram ossadas humanas, pelo que mandaram aviso a António Dias. Procedendo este a investigações em volta do sítio que lhe foi indicado, achou cinquenta sepulturas, orientadas de Nascente-Poente, dispostas simetricamente, algumas à profundidade de quase um metro.

As sepulturas eram de forma trapezoidal e pouquíssima largura, estreitando tanto em um dos topos que na verdade terminavam em bico. Uma delas era mesmo de forma triangular. Tratava-se de sepulturas de inumação, mas todas tinham aos pés, pela banda de dentro, um ossário, com despojos cujas características eram idênticas às da incineração.

Duas não continham ossos nem cinzas. Algumas eram pequenas e tão estreitas que lembravam troços de canais, onde mal cabia a largura da enxada. Umas eram de lajes cravadas a prumo, outras de pedras sobrepostas. Umas estavam ocas, outras cheias de terra. Em todas estas sepulturas achou-se um único vaso.

Apareceu mais uma sepultura, curta e rectangular. Continua 14 vasilhas, cinzas e carvões. Uma outra, já aberta pelos

trabalhadores, era de tégulas e dela se retiraram fragmentos de vidro e de cerâmica fina.

Nas outras, isto é, nas trapezoidais, foram achados dois anéis, vários brincos em forma de argola e fivelas de aro circular, tudo de bronze (Ests. VI e VII, n.ºs 49 e 42 a 44 e Figs. 2, n.º 10, etc.).

Nesses primeiros trabalhos, notou António Dias que pela parte de fora das sepulturas também apareciam vasilhas, verificando tratar-se de urnas de vários formatos e tamanhos, e de diferentes qualidades de barro.

Em face disto, resolveu procurar nos intervalos entre as pequenas cistas. Daí extraiu mais de 150 urnas.

Quase todas tinham junto, pela parte de fora, claro está, um objecto de ferro ou de cobre. Outras eram acompanhadas, nas mesmas condições, por um cossoiro de barro e um brinco de bronze; outras por uma pinça larga, uma pequenina faca afalcatada, ou uma ponta de dardo, qualquer destas coisas, de ferro (Ests. V e VI, n.ºs 37, 39 e 44 e Figs. 4, 11 e 12). Junto de outra estava uma espada curta, bellissimo exemplar (Est. V, n.º 38 e Fig. 14, n.º 2), e ainda à beira de outra se colheram dois fragmentos de chapa de cobre com embutidos de prata. Não será ousado supor que as tumulações com cossoiros sejam de mulheres.

Algumas urnas, ao contrário da regra geral, tinham tais objectos dentro, e não exteriormente.

Estava em quase todas, a servir de tampa, uma vasilha de formato de tigela baixa, ou de prato bastante fundo, contando-se também três que assentavam em vasilhas deste género. Algumas destas vasilhas apresentam dois ou três estreitíssimos orifícios próximos do bordo (Ests. II, III, IV e V).

Cada urna jazia metida em uma espécie de caixa construída grosseiramente com algumas lajes, ou, então, simplesmente colocada entre um monte de pedras (Est. I). Também em alguns casos,

em vez de prato a servir de tampa, havia uma pequena laje, uma ou outra bastante grossa e pesada (Est. V, n.º 40).

São frequentes os grupos de duas ou três urnas, aparecendo mesmo alguns de quatro, e ainda grupos de urnas sobrepostas, em vez de estarem ao lado umas das outras.

No caso de haver pedra a servir de tampa, acontecia o prato estar dentro da urna, logo por cima das cinzas, independentemente do pequeno prato colocado por baixo da urna.

Têm-se obtido algumas urnas inteiras, ou quase intactas, e muitíssimas outras em fragmentos, mas completas, ou quase, sendo de notar que as de paredes mais grossas são as que mais facilmente se partiram sob a pressão da terra e das pedras.

A razão disto é porque as de paredes mais espessas são fabricadas à mão e mal cozidas, ao passo que as lisas são feitas ao torno, isto é, em roda de oleiro, e receberam melhor cozedura.

Haverá uns dezoito formatos diferentes de urnas. Algumas das de paredes mais espessas e de pasta mais grosseira mostram ornatos geométricos incisos (Fig. 13).

De qualidade mui diferente é a cerâmica pintada, de que se colheram alguns fragmentos, provavelmente pertencentes a umas três ou quatro vasilhas. Esta peça teria sido despedaçada na própria época da necrópole. Barro vermelho, de pasta fina. O ornato é pintado em castanho-escuro, dando a impressão de negro (Fig. 5, n.ºs 2, 3 e 4; Est. XIV).

Além dos objectos anteriormente mencionados, extraídos do interior das urnas, da rudimentar caixa de lajes, ou do simples amontoado de pedras envolvente das urnas, colheram-se muitos bocados de fíbulas, argolas, pinças e de outros objectos de bronze (Ests. VI e VII e Fig. 4, 6, 12, 14 e 16), assim como uma espora — acicate — de ferro (Est. VI, n.º 44 e Fig. 15, n.º 8), argolas, pinças de ferro (uma delas com ornatos vasados), restos de freios de cavalos, tudo muito torcido e fracturado.

Uma das urnas continha três contas de colar, uma de vidro azul e duas de calcário branco.

Junto de duas outras, foram achados os dois boiões de barro claro, um inteiro e o outro muito fragmentado, mas completo, que vão representados na Est. VI, n.º 45 e Fig. 2, n.º 2.

Em uma das extremidades deste cemitério, havia uma camada de terra negra, cinza e ossos, tudo coberto por uma camada de pedras postas indistintamente. Por baixo destas pedras foram achadas cinco tigelinhas, duas candeias, três vasilhas de forma semelhante à dos actuais «barris» alentejanos, e dois pequenos boiões, um de superfície encrespada, à maneira de carapinha, e outro com ornato de arquinhos sobrepostos e imbricados, e ainda um pequenino vaso de barro escuro, com a superfície pontilhada por meio de pequeninas incisões (Est. IX, n.º 54). Desta mesma camada de terra negra procede um pequeno vaso de barro negro, com duas asas.

A terra negra e cinzas aparece em três pontos, juntos uns dos outros, e todos eles, como ficou dito, em uma das extremidades da necrópole. É evidente que cada um deles também representa local de *ustrinum*.

A tal sepultura achada na abertura de covais para plantação de oliveiras — achado que originou a descoberta da necrópole de urnas — estava uns 15 metros afastada do limite desta.

Algumas urnas, em vez de se encontrarem entre pedras soltas, estavam metidas nas concavidades da rocha nativa, que neste ponto é um calcário.

Ainda se não pode calcular a extensão desta necrópole, pois ela se prolonga, pelo menos, em duas direcções, até um limite não verificado.

20 *Anta da Herdade do Carvão (Vila Viçosa)*. — Em Fevereiro de 1948, António Dias e o Padre Henrique Louro foram pesquisar

um cemitério romano (?) na Herdade do Queimado, subúrbios de Jerumenha. De caminho, António Dias notou que a sul das casas da Herdade do Carvão se erguiam umas pedras que se lhe afiguraram esteios de anta.

Ao regressarem do Queimado, pôde verificar que, efectivamente, se tratava de uma anta. Preparava-se para iniciar o estudo quando se aproximou uma mulher idosa, residente no «monte» daquela herdade, e informou de que, havia cinco anos passados, fora descoberta uma sepultura entre aquelas pedras, e que da mesma tinham retirado muitos ossos.

De facto, dentro da câmara da anta, construiu-se posteriormente uma sepultura, da qual restavam duas lajes colocadas paralela e verticalmente (Fig. 20-e).

A anta é do tipo vulgar. Falta-lhe a cobertura. Conserva dois esteios do corredor e os da câmara. Estão quase todos completos, embora apenas cinco apareçam à superfície do solo. Outra pedra, jacente ao lado do corredor, pode ter pertencido à cobertura deste. Logo junto ao esteio da cabeceira, por onde se começou a escavação, surgiu, a uns 0,^m80 de profundidade, um ídolo-placa, recolhendo-se também fragmentos de outros.

Na parte restante da câmara, acharam cinco ídolos-placas mais ou menos inteiros (Figs. 7, 8, 9 e 10-a), e mais bocados, assim como pedaços de facas.

É de supor, portanto, como concluiu António Dias, que os objectos partidos o foram na ocasião em que se construiu a sepultura inclusa na anta. Como o terreno estava então semeado, ficaram por pesquisar o corredor e o lado externo dos esteios.

21 *Antas da Farisoa (concelho de Elvas)*. — «A poente do «monte» da Farisoa, antigo convento de que ainda existe uma capela com belos trabalhos de mármore, o terreno forma pequena elevação, passando-lhe no sopé dois modestos cursos de água.

O terreno é xistoso, com afloramentos da mesma espécie de rocha. Num desses afloramentos, salientam-se umas pedras com disposição semelhante à dos esteios de uma anta, mas diferente de tudo quanto até hoje me foi dado observar».

António Dias notou haver uma pedra muito comprida, colocada de maneira a fazer crer que pertencia ao corredor da anta, e mais três formando triângulo muito apertado, componentes da câmara. O simples exame do esboço feito por António Dias (Fig. 20-f) nos mostra que o monumento estava muito destruído. A pesquisa foi rápida e restrita ao pequeno espaço limitado pelos três esteios. Somente se encontrou uma faca de sílex (Fig. 6 b e Est. 6, n.º 42), no ângulo muito agudo formado por dois dos esteios.

Trezentos metros mais ao Norte, na encosta de outro cerro, reparou em uma pedra saliente, com mostras de ter sido ali colocada intencionalmente. Pesquisando em redor, pôs a descoberto uma pequenina anta, quase uma cista (Fig. 20-d). Só o esteio da cabeceira sobressaía à flor do terreno. Não teria mais que um metro de comprimento por 0^m,80 de largura máxima. Dentro, achou-se unicamente uma porção de fragmentos de ossos.

22 *Sepulturas da Herdade da Camuja (Vila Boim).* — Em fins de Junho de 1949, o Dr. Manuel Baguinho, médico municipal de Vila Boim, informou Dias de Deus acerca do aparecimento de uma sepultura, quando andavam lavrando na Herdade da Camuja. Só em Agosto, porém, levando-me em sua companhia, António Dias foi ao local.

Aí a examinamos e colhemos outros esclarecimentos. Assim, dentro da sepultura, havia dois esqueletos colocados a par. As ossadas ficaram destruídas, devido ao estado de decomposição, mas ainda colhemos alguns dentes muito bem conservados.

As paredes são formadas por lajes de calcário branco (mármore local).

Da cobertura, também feita de lajes, restava uma destas em seu lugar próprio. Em volta, dispersavam-se pedaços das outras. Media esta caixa tumular: comp. — 1^m,96; larg. aos pés — 0^m,44; idem, na cabeceira — 0^m,55; profundidade — 0^m,50.

O adiantado da hora não nos permitiu procurar outras sepulturas que se previu acharem-se ao lado. António Dias tornou ali, pouco depois, descobrindo mais duas, distanciadas as três, umas das outras, 0^m,80, todas orientadas com a cabeceira para Poente (Fig. 20-a). A segunda, ou seja, a primeira das descobertas por António Dias, estava intacta (Fig. 20-c-c' e Est. XIII).

É toda formada por lajes, também do mesmo mármore branco, bem lavradas as das paredes, ao passo que as da cobertura, com excepção da que cobria a cabeceira, eram simples esteios. No interior, que estava oco, assentava um esqueleto de adulto, tendo ao lado um crânio. Nada mais se encontrou.

O notável são as duas lápides funerárias e o modo por que estavam colocadas. Diz uma delas: SEX.SOIO/QVARTIONI.ET CATINIAE/MAXSVMA/ALBANVS.F.P.C.

Estava esta cobertura, sobre a cabeceira, com a inscrição voltada para dentro. Contém a outra: FALIIIA.AVITAAN/XXX.H.S.E.S.T.T.L./L.T.RVFINVS/MARITE.SVE./FECITECVRA/VITT.

Formava a parede de topo, na cabeceira, também com a inscrição voltada para dentro.

Isto, conjugado com o facto de se encontrarem dentro da sepultura um esqueleto completo e um crânio, permite supor que primeiro foi ali tumulada a *Falma*. Falecendo posteriormente *Sexto* e *Catínia*, foi a lápide de *Falma* mudada, sendo colocada em lugar dela a de *Sexto* e *Catínia*.

Certo é que as lápides são feitas para que as respectivas inscrições sejam vistas e lidas. Apesar disso, não creio que as duas lápides tenham sido aproveitadas de outras sepulturas e ali empregadas como simples elementos de construção.

Ambas as lápides são de mármore branco da região, muito granuloso e facilmente esboroável. Têm ambas as mesmas dimensões: 0^m,59 de comprimento, 0^m,43 de altura e 0^m,13 de espessura. São enquadadas em moldura.

A sepultura mede: comp. 1^m,86; larg. aos pés 0^m,33; idem, na cabeceira 0^m,45; prof. 0^m,55.

A última sepultura diferia das duas outras em ter uma das paredes laterais formadas por pequenas lajes mais ou menos aparelhadas, sobrepostas, à maneira de ladrilhos, bem alisadas no topo voltado para o interior da caixa tumular (Fig. 20, *g. g'*).

O topo da cabeceira havia já desaparecido, assim como dois terços da cobertura, para o mesmo lado. No topo dos pés, achou-se grande quantidade de fragmentos de ossos. É de crer que tivesse sido revolvida cerca de 1906, ano em que foram oferecidas ao Museu de Elvas duas lápides semelhantes às da segunda sepultura.

A necrópole está situada em terreno levemente inclinado, no ponto em que este forma pequeníssima elevação, próximo de um hortejo. Por Nascente e Poente, o local é circundado de cerros relativamente altos, nos quais aparecem xistos azul-esverdeados e grossas camadas de argila e calcário.

III — CONCLUSÕES

As investigações arqueológicas de António Dias de Deus, neste transcurso de quinze anos — nos primeiros sete em companhia de António Luís Agostinho — incidiram, como se viu, em

monumentos do primeiro período da Idade do Bronze (o Bronze Mediterrânico, de Santa-Olalla), da Idade do Ferro e da época dos domínios romano e visigótico.

Recapitularei sobre esta numerosa e variada série de descobertas.

Dólmens e cistas megalíticas. — Foram em número de 22 os monumentos estudados, uns pela primeira vez, outros em complemento de rebuscas anteriores. Se bem que, na maioria, muito incompletos, pela descrição de António Dias, verifica-se estarmos em presença de dólmens de corredor bem desenvolvido e de algumas cistas, tudo do tipo geral do Alto Alentejo, mormente da zona de Pavia.

O espólio, embora não muito variado, denuncia a mesma identidade cultural.

Muito curiosa a disposição dos esqueletos na Anta de Alcarapinha, e não menos notável o jazigo n.º 2 do mesmo local, pela abundância de pontas de seta, contas de colar e ídolos-placas (designação que emprego por ser a geralmente adoptada).

Mui digno de nota é, também, o jazigo do Atalaião, em sítio eminentemente defensável, no qual várias épocas arqueológicas se misturaram.

A primeira anta do Monte Carvão, apesar de muito remexida, forneceu um grupo de ídolos-placas que só por si a valorizou.

Idade do Ferro. — De todas as estações arqueológicas aqui noticiadas, a mais importante, sem dúvida, do ponto de vista científico, é a necrópole céltica da Chaminé. Ainda não deu boas peças de cerâmica ornamentada, nem adornos de metais preciosos, nem quaisquer outros objectos de quilate artístico, peculiares ao Ferro Céltico e que, embora artisticamente muito inferiores

aos espólios do Ferro Ibérico, nos fornecem meios de comparação, quanto ao avanço ou atraso relativos das arcaicas gentes que as estações representam; mas, apesar disso, os objectos até agora ali exumados constituem núcleo museológico de alto valor. Só a porção de urnas excede tudo quanto da mesma época se pode juntar no recheio de todos os museus do País.

A cerâmica pintada resume-se, pelo menos até agora, a uns escassos fragmentos que oportunamente estudaremos.

As peças de ferro são idênticas a algumas dos espólios da necrópole celtibérica de Altillo de Cerropozo (Atienza, Guadalajara) que, segundo Juan Cabré, se estende do Séc. IV a.C. até o Séc. I da nossa Era, devendo ser dos princípios do III a maior parte dela (Vid. *Excavaciones en la necrópoli celtibérica del Altillo de Cerropozo, etc.*, por D. Juan Cabré Aguilló — Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Memoria n.º 105. Madrid, 1930).

Numerosa e variada, a colecção de cossoiros, ou volantes de fuso. O fogo danificou-lhes bastante a superfície, fazendo-a esbo-roar, pelo que os ornatos se encontram mais ou menos apagados. Alguns, de simples decoração incisa, em zig-zague, assemelham-se a exemplares de Monte Bernorio, onde estavam também acompanhados de pinças e fíbulas idênticas às da Chaminé (Vid. *Excavaciones arqueológicas en Monte Bernorio (Palencia) Primera campaña — 1943*, por Julian San Valero Aparisi. Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas. Informes y Memorias, n.º 5. Madrid, 1944. Lãm. IX).

Confrontando com algumas necrópoles espanholas, onde se praticou o mesmo rito de incineração em urnas, verifico que em Llano de la Consolación (Viña de D. Juan de Marisparza, chamada La Torrecina), apareceram, a par de urnas helenísticas, com decoração de palmetas e meandros, urnas lisas e esferoi-dais, como as da Chaminé. Acompanhavam-nas uma falcata e

fragmentos de outras, fíbulas de bronze e um cossoiro, também de bronze.

No relato que tenho presente figuram-se duas urnas do tipo das da Chaminé, uma tapada por uma espécie de prato e outra por uma pequena laje — o que também sucede com algumas da estação elvensa.

Ao mesmo tipo cerâmico parecem pertencer algumas das urnas da Hoya de Santa Ana (Vid. *Excavaciones y trabajos arqueológicos en la provincia de Albacete, de 1942 a 1946*, por Joaquim Sanchez — «Informes y Memorias», n.º 15, da Comis. Gen. de Exc. Arqueol. Madrid, 1947. Págs. 30-40, Ests. IX a XI e págs. 70-73, Ests. XLII e XLIII).

Mais perfeita semelhança, ainda, no enterramento de uma urna cinerária da necrópole de Torrox, na costa malaguenha. A tampa é constituída por uma taça em tudo idêntica às da Chaminé. Esta necrópole de Torrox, já próxima do limite com a província de Granada, mostrou grande variedade nos 36 enterramentos que se identificaram na parte mais bem estudada.

Assim, contava 3 sepulturas de alvenaria, 18 feitas de tégulas, uma de tijolos, três em ânforas, uma em vasilha grande, do feitiço de pote, e dez em urnas cinerárias propriamente ditas.

A necrópole de Torrox revelou, pois, largamente, muitos elementos de origem extra peninsular (Vid. *Memoria arqueológica de la provincia de Malaga hasta 1946*, por Simeon Gimenez Reyna — «Informes y Memorias», n.º 12. Madrid, 1946. Est. XXXIX).

Nos objectos de bronze, há uma fíbula circular do mesmo tipo que uma do Cabezo de Tio Pio, Archena (Vid. «Informes y Memorias», n.º 13, por Julian San Valero Aparisi e Domingo Fletcher Valls. Pág. 49 e Fig. 6, n.º 12).

Entre os adornos de bronze, acha-se, muito repetido, em diversos tamanhos, uma, segundo creio, espécie de brinco formado por duas hastes do feitiço de cornos de touro, ligados na

base a uma barra encurvada cuja forma completa ainda se nos não deparou. Todos os objectos metálicos desta necrópole foram torcidos, esmagados ou partidos no acto da cerimónia fúnebre, pelo que se torna difficil combinar convenientemente seus numerosos fragmentos.

Dos objectos de ferro, evidenciam-se as pontas de pequenos dardos, as pinças (uma delas com ornatos vasados, e um bocado de outra com embutidos de prata), pequenas navalhas em forma de falcata, pedaços de estribos e de freios de cavalo, tudo, como ficou dito, muito corroído e despedaçado.

O longo punhal, ou espada curta, de antenas atrofiadas, reduzidas estas a simples botões, denuncia a 2.^a Idade do Ferro Céltico (post-hallstatiana), em seu período inicial. A fíbula anular corresponde à mesma época.

Moritz Hoernes, em sua *Prehistoria* — III — *La Edad del Hierro* (tradução espanhola da Colecção Labor, 2.^a edição, Barcelona, 1931), pág. 123, disse que as esporas mais antigas que conhecia pertenciam ao período final de La Tène (cuja maior parte corresponde ao Séc. I. a. C.).

Considerando o maior peso probatório dos restantes elementos anteriormente citados, julgo poder-se attribuir o «campo de urnas» da Chaminé aos sécs. IV-III antes da nossa Era, ou, mais precisamente, ao lapso decorrido entre 350 e 250 a. C.

No respeitante a Portugal, persuado-me de que o campo de urnas da Chaminé é de época bastante posterior à das estações de Bensafrim e Alpiarça e próxima da de Alcácer do Sal.

Não se notam ali ou, pelo menos, não foram ali achadas, as contas de pasta vítrea, e esmaltadas, tão abundantes na necrópole algarvia, onde se praticou o rito de inumação em cistas rectangulares, semelhantes a algumas dos últimos tempos do Bronze.

O campo de urnas do Tanchoal dos Patutos e Mejão (Alpiarça), descoberto pelo Dr. Mendes Corrêa, que dele publi-

cou um estudo no «Anuario de Prehistoria Madrileña» (vols. IV, V e VI, anos de 1933, 34 e 35, págs. 131 a 138) — «*Urnenfelder*» de Alpiarça —, apresentou tumulações idênticas às da Chaminé, como, por exemplo, as dezasseis urnas que, no reduzido espaço de um metro quadrado, se encostavam umas às outras. O ilustre Professor reproduziu em fotografia numerosas peças cerâmicas, mas só um ou outro exemplar recorda vagamente os tipos da Chaminé.

Alguns elementos alpiarcenses, segundo Mendes Corrêa, revelam afinidades com a necrópole de Molá (Tarragona), campo de urnas hallstattiano (cerca do séc. VII a. C.)

De Alcácer não conheço nem o material cerâmico nem publicação onde o mesmo esteja figurado, mas a sua repetidamente publicada espada de antenas é bem o tipo da Chaminé.

Nos tipos cerâmicos da Chaminé predominam as urnas esféricas, sem gola e com rebordo, ou de pequena gola rebordada. Surge-nos ali, também, a urna quase em forma de dois troncos de cone unidos pela base, com gola alta, assemelhando-se ao cântaro da nossa olaria popular nortenha. De resto, a forma dos pratos fundos, ou tigelas de pouco fundo, que serviam de tampa às urnas da Chaminé, podem considerar-se protótipos dos pratos e tigelas medievais, inclusive da olaria árabe, de que derivam idênticas peças da nossa actual olaria popular.

O pequeno vaso representado nas Ests. III e IX, n.ºs 18 e 54, aproxima-se da forma de certos exemplares pertencentes a vários períodos de La-Tène, na Inglaterra e na região do Reno.

No estudo especial desta notável estação, dela se tratará mais pormenorizadamente, visto que, por agora, apenas se pretende antecipar estes apontamentos gerais.

Nas figuras que acompanham este relato, vê-se (Fig. 2, n.º 1) uma estatueta de bronze, achada por António Dias na Herdade de Vila Fernando, a uns 400 metros de distância de uma anta e

cerca de 200 de uns restos de habitação possivelmente romana. Mede 103 milímetros de altura e está bem conservada, embora lhe falem os braços. Representa uma figura masculina, completamente nua. Fabrico extremamente tosco. Tenho-o por comparável a alguns dos exemplares descritos por Alvarez-Ossorio no *Catalogo de los exvotos de bronce, ibéricos*, Madrid, 1941.

Épocas romana e visigótica. — Se os alicerces e outros restos de edifícios das duas épocas são fáceis de identificar em certos pontos do Carrão, na Terrugem e em outros a discriminação torna-se embaraçosa, porque só uma ampla e metódica exploração destas estações permitirá aclarar suficientemente muitas dúvidas e obscuridades. Essa tarefa de maneira nenhuma pode ser realizada pela simples boa vontade de um investigador ou mesmo pela dedicação de um grupo de estudiosos.

É lícito, porém, desde já afirmar-se que ali existiram grandes estabelecimentos romanos, seguidos de outros visigóticos, possivelmente sem quebras consideráveis na continuidade do povoamento. Até agora, no Carrão, além do vasto grupo de alicerces que encerram extensos pavimentos de mosaico (entre os quais aquele que nos mostra uma amazona — Est. VIII), certamente pertencentes a um edifício imponente, e de um outro grupo, junto de um poço, em que um dos mosaicos apresenta como elemento decorativo bolotas dispostas aos pares — conjunto que, por sua contiguidade ao poço, leva-me a pensar num balneário —, há incontáveis alicerces dispersos por larga área, sem que por enquanto nada nos elucide se são obra de Romanos, se de Visigodos.

No mesmo âmbito, vemos necrópoles de sepulturas rectangulares e outras de sepulturas trapezoidais, notando-se por vezes sobreposição destas últimas, às primeiras. Na Terrugem, os elementos visigóticos são mais evidentes, mas isto resulta do mero

acaso, e não da conveniente escavação do local. Os objectos metálicos ali colhidos, tanto de ferro como de cobre, emparelham grandemente com os do castro de Yecla (Burgos), com predomínio de coisas atinentes à exploração agrícola (foicinhos, chocalhos, etc.) e de uso religioso (sertã, colheres litúrgicas, etc.).

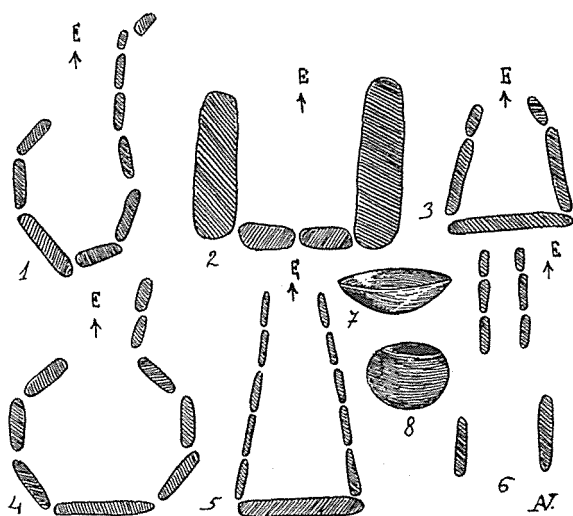
Quanto a construções, o que nesta estação por enquanto mais avulta, à parte o cemitério, é a arcada de um *caldarium*.

Tanto na Terrugem como no Carrão, têm abundado as moedas romanas, sobretudo médios bronzes do Baixo Império. Costumam aparecer à superfície, após as lavras. Delas trataremos na série de estudos especiais cuja publicação Dias de Deus e eu estamos preparando.

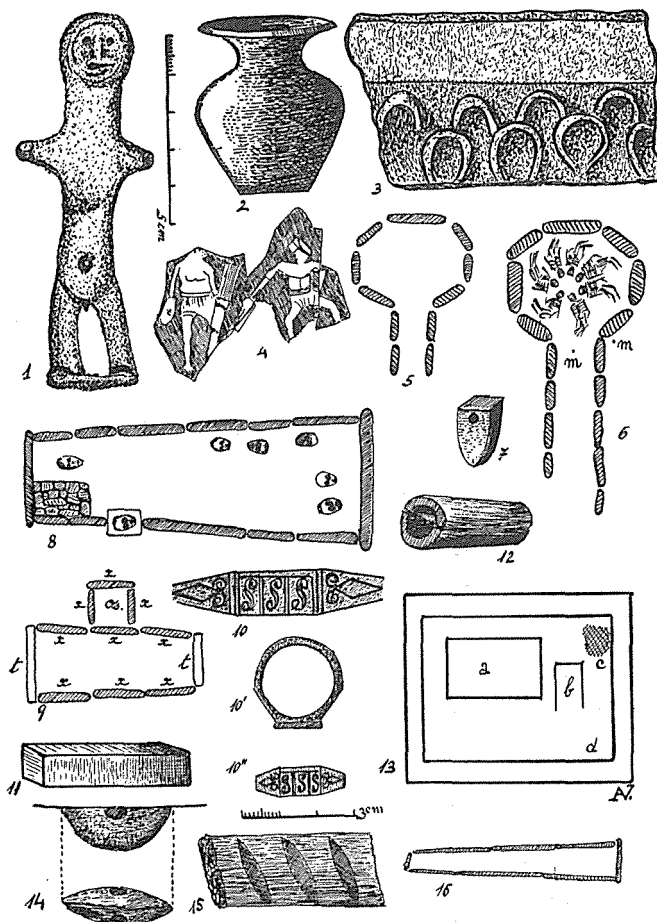
Carrão e Terrugem foram, evidentemente, consideráveis núcleos de exploração agrícola, da classe daqueles que a dominação romana estabeleceu nos pontos das diversas comarcas peninsulares em que as condições naturais do solo já haviam fixado avultadas massas campestinas de população indígena. Estas estações romano-visigóticas do termo de Elvas lembram-me a de «La Cocosa», nos arredores de Badajoz, que visitei em Outubro de 1948.

Embrechados nos alicerces romanos, podem achar-se os destroços da época visigótica e os indícios dos primeiros tempos da cristianização desta parte da Península. De resto, as «vilas» elvenses devem logicamente ter pertencido à esfera de influência de Mérida e, como a opulenta capital da Ulterior, caracterizaram-se pela mesma vitalidade e consequente continuidade através dos tempos, até que os convulsionados séculos do império muçulmano as debilitaram e fizeram desaparecer.

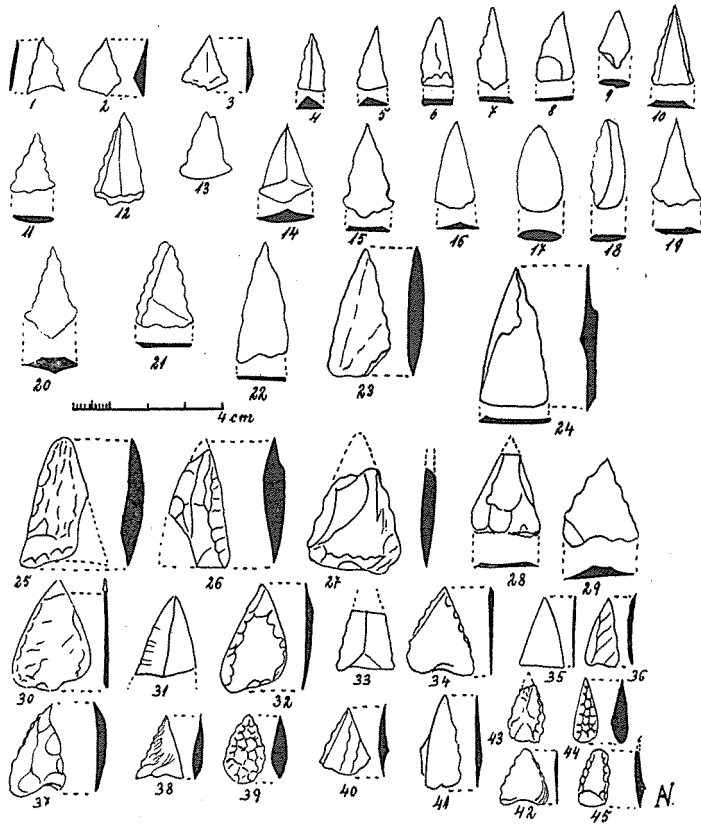
Beja, 15-10-1949.



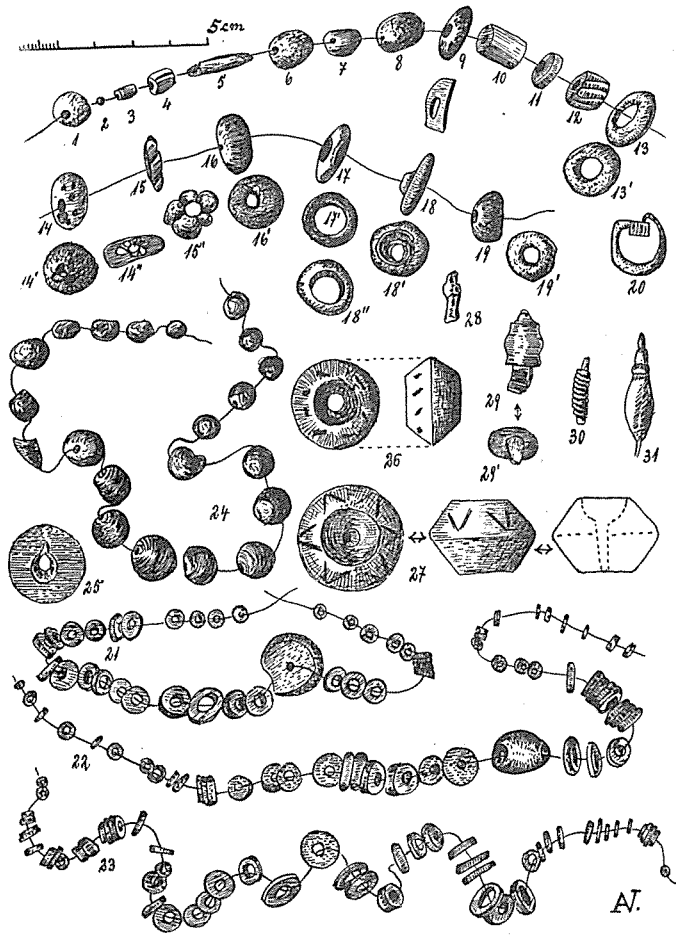
1 — Anta da Chaminé. 2 — Anta da Herdade dos Serrones. 3 — Anta n.º 2 da Herdade dos Serrones. 4 — Anta da Sobreira. 5 — Anta n.º 2 de Vila Fernando. 6 — Anta n.º 1 de Vila Fernando. 7 — Vasilha da Anta do Barrocal. 8 — Vasilha da Anta n.º 2 da Herdade de Vila Fernando.



- 1 — *Ex voto* ibérico, de bronze, da Herdade de Vila Fernando. 2 — Urna da necrópole céltica da Chaminé. 3 — Fragmento de um dos vasos cerâmicos, de paredes muito finas, da necrópole de urnas da Chaminé. 4 — Fragmento de um disco de lucerna, da necrópole n.º 2 da Chaminé. 5 — Anta da Chaminé. 6 — Anta da Alcarapinha. 7 — Pingente de calaite, da Alcarapinha. 8 — Sepultura-ossário do cemitério da Terrugem. 9 — Sepultura e ossário da Terrugem. 10, 10', 10'' — Anel de bronze, do cemitério n.º 2 da Chaminé. 11 — Tijolo da Chaminé. 12 — Um dos tipos de canalização da Terrugem. 13 — Jazigo do Atalaião. 14 — Asa perfurada, de um vaso da necrópole de urnas da Chaminé. 15 — Fragmento cerâmico (cordão saliente, com incisões) da necrópole de urnas da Chaminé. 16 — Sepultura da necrópole de urnas da Chaminé.

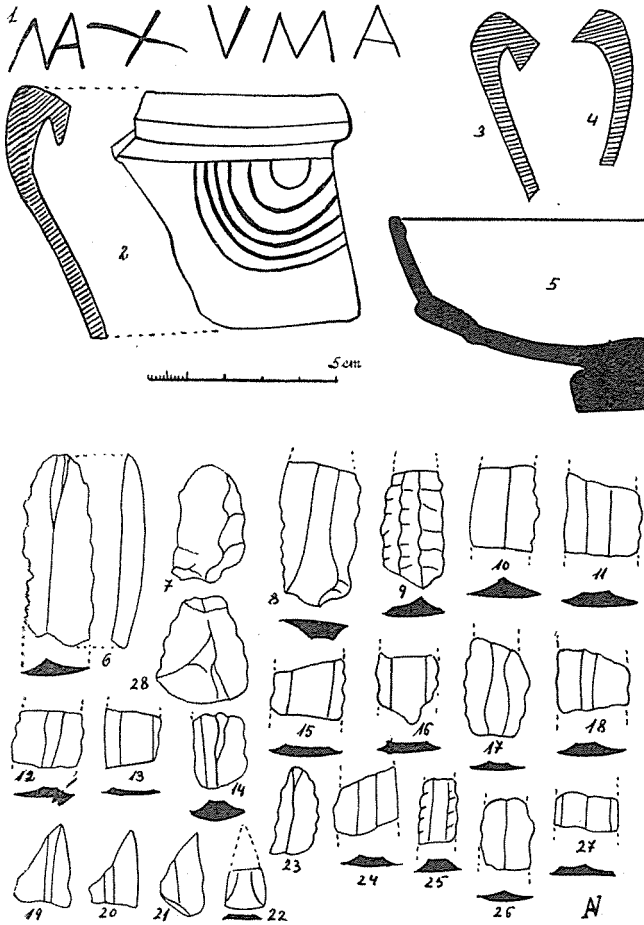


1 a 22 — Pontas de seta, da Alcarapinha. 23 a 45 — Pontas de seta, do Átalaião.

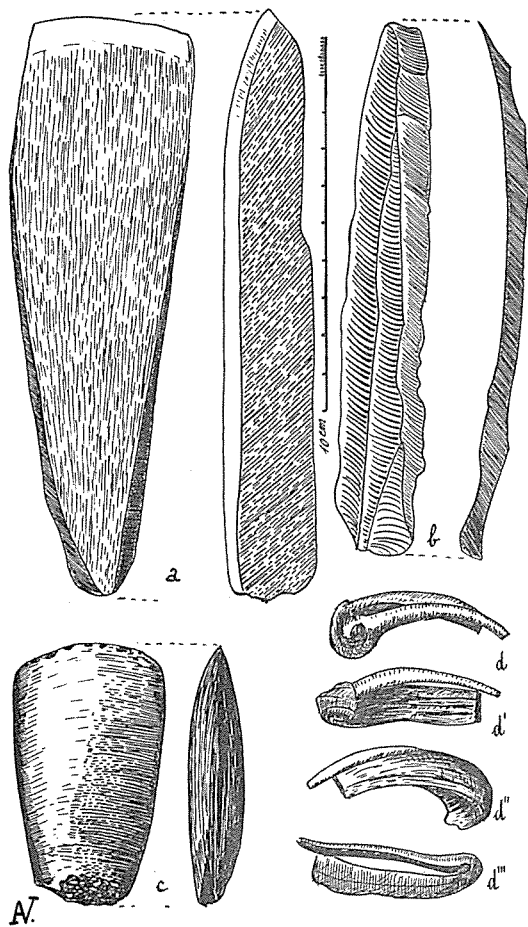


1, 5, 6, 7, 8 e colar n.º 30 — Contas de âmbar achadas em uma cavidade aberta a meio do fundo de uma das sepulturas (que continha sete crânios) da necrópole n.º 2 da Chaminé. 2 a 4 e 9 a 19 — Contas de colar, quase todas de vidro, do cemitério n.º 2 da Chaminé. 20 — Argola de bronze (fíbula), do cemitério n.º 2 da Chaminé. 27 a 30 — Extremidades de objectos de bronze, do campo de urnas da Chaminé. 24 — Rodela de xisto, que serviu de adorno de colar, do Atalaião. 20, 21 e 22 — Colares de contas de xisto, calcário e calaíte, da Alcarapinha.

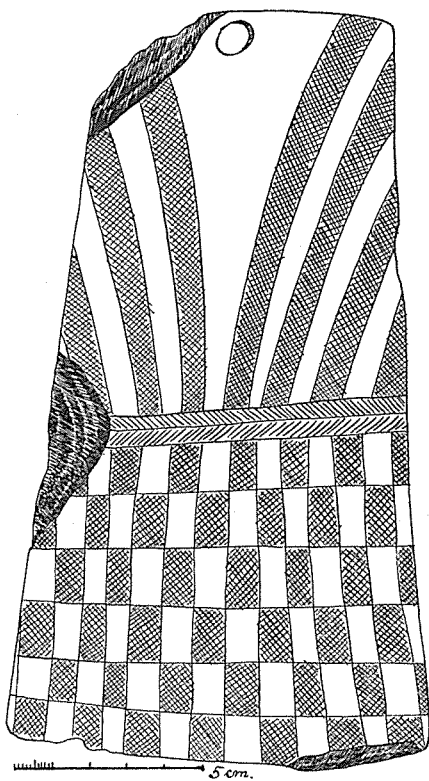
AJ.



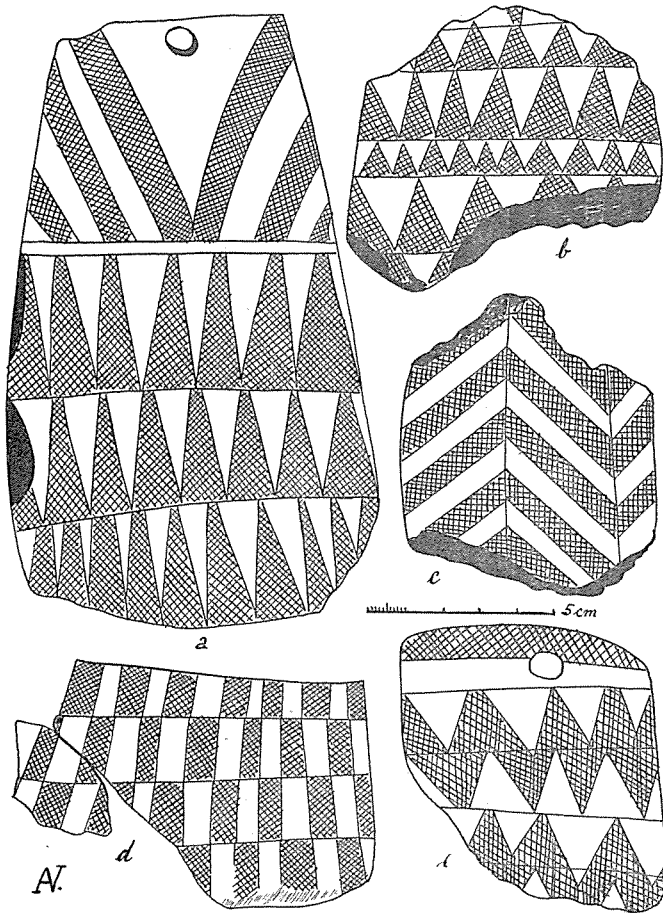
1 — Letras gravadas em uma pequena taça saguntina, pela parte de fora (cemitério n.º 2 da Chaminé). 2, 3 e 4 — Fragmento de cerâmica e perfis de bordos de vasilhas, da necrópole de urnas da Chaminé. 5 — Perfil de uma grande taça de terra sigillata (Terrugem). 6 a 27 — Fragmentos de facas de sílex e pontas de seta, das quais duas (20 e 21) trapezoidais (Atalaião e Alcarapinha).



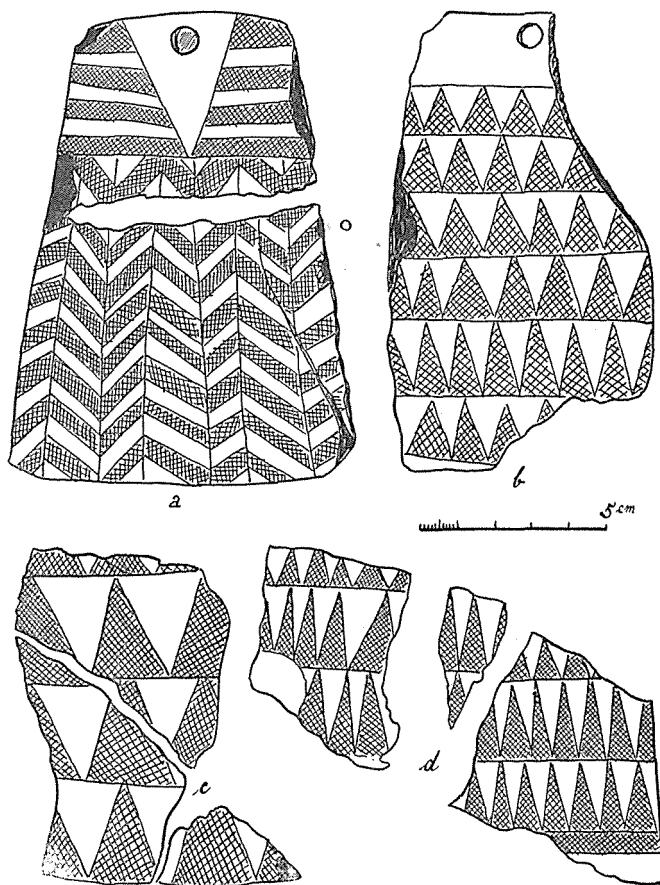
a) — Enxó da Anta da Chaminé. *b)* — Faca de sílex da Anta da Farisoa. *c)* — Machado do Atalaião. *d)*, *d')*, *d''*), *d'''*) — Aspectos do fragmento de um brinco de bronze, da necrópole de urnas da Chaminé.



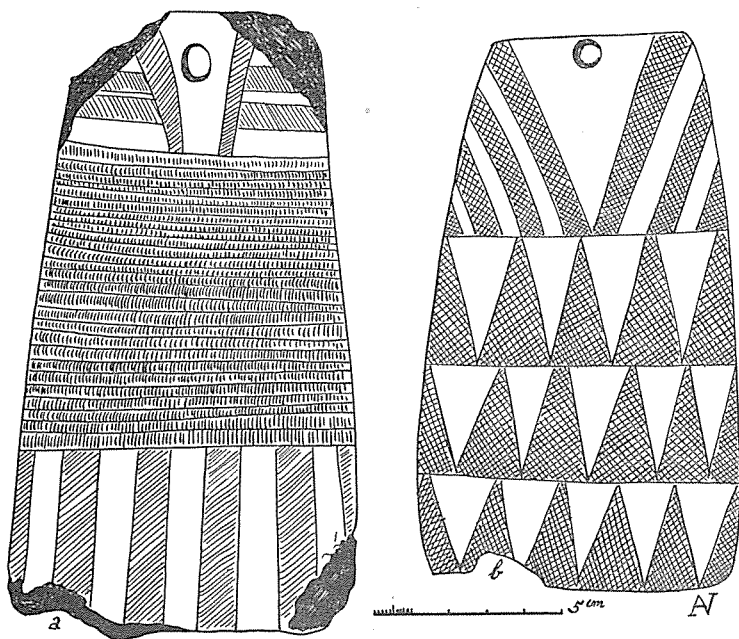
Ídolo-placa da Anta do Monte Carvão.



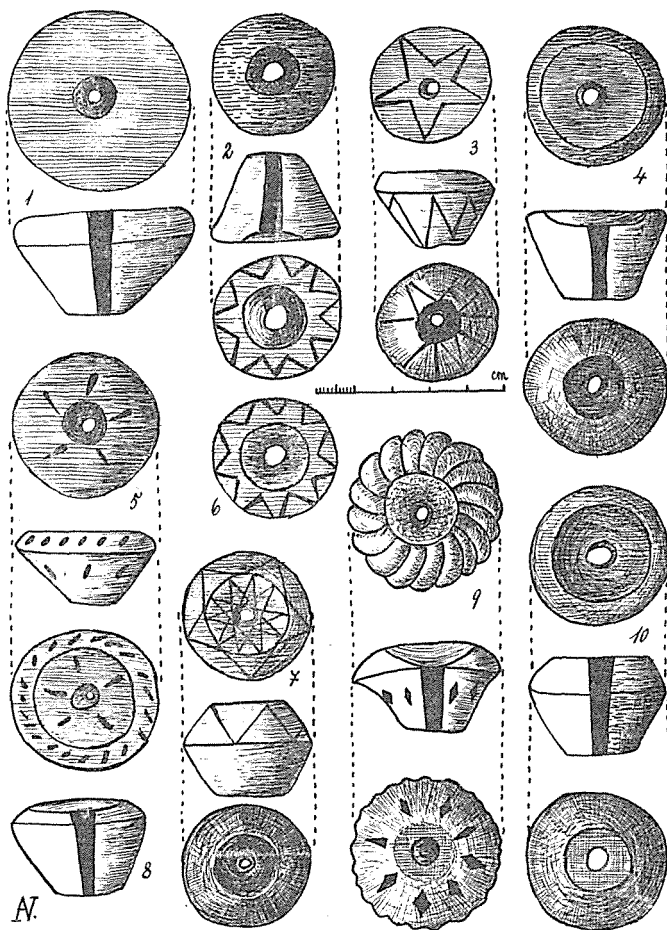
Ídolos-placas da Anta do Monte Carvão.



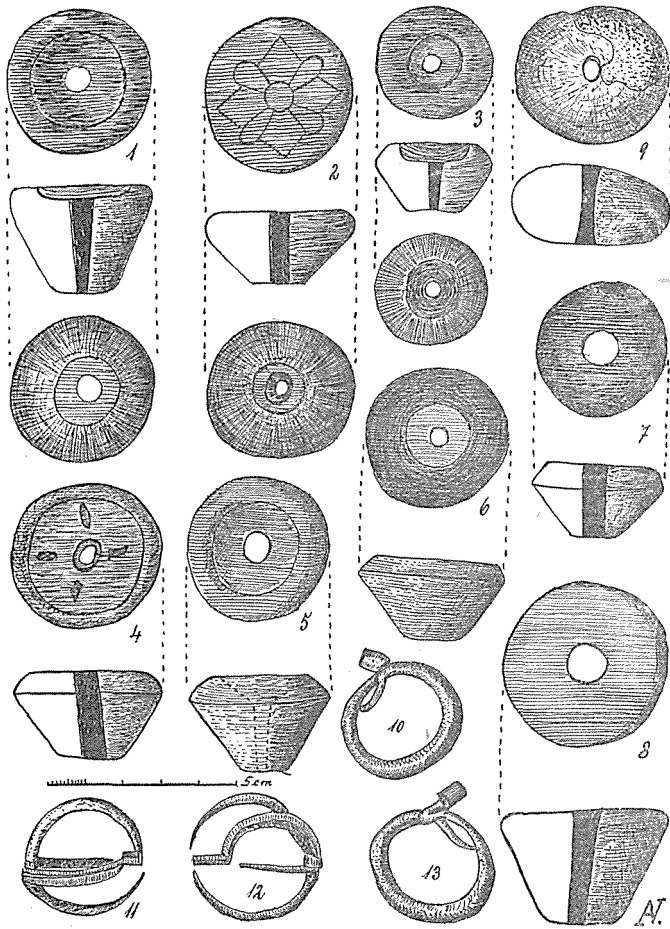
Ídolos-placas da Anta do Monte Carvão.



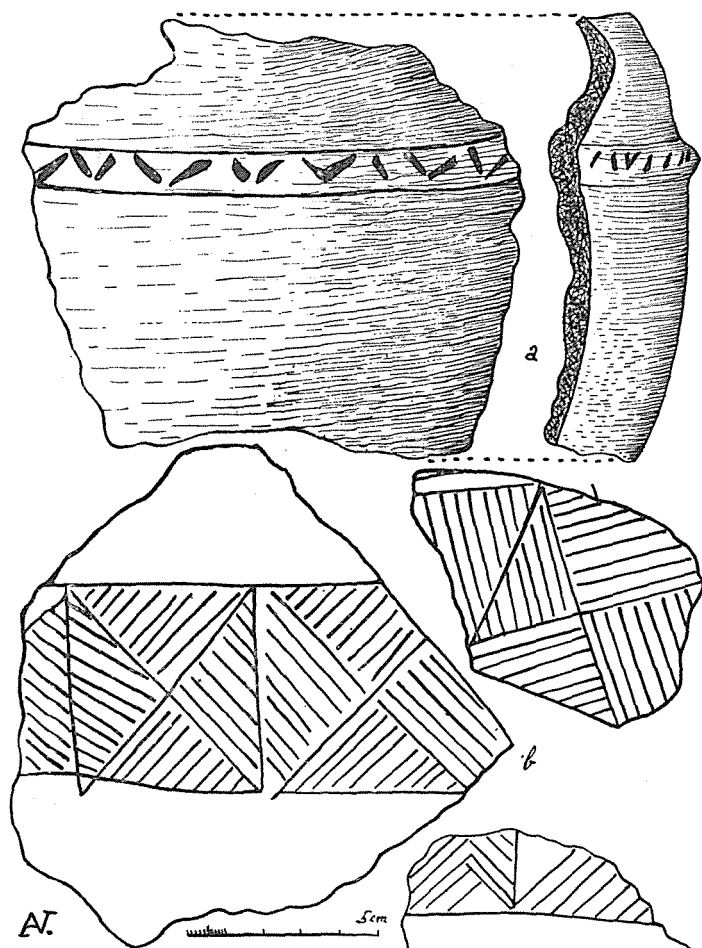
Ídolos-placas. a) — Monte Carvão. b) — Genemigo.



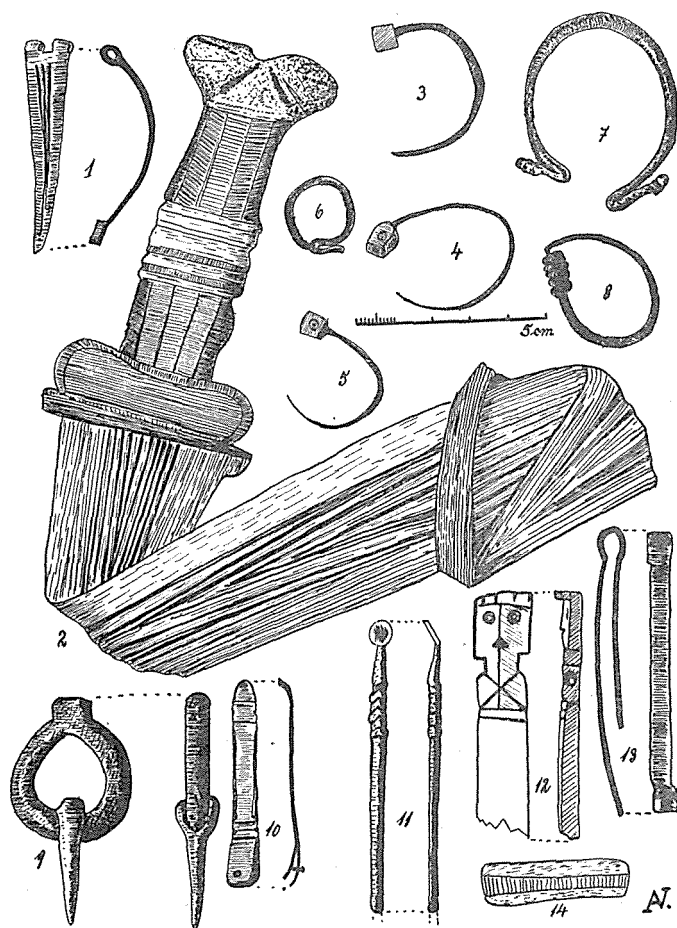
Cossoiros de barro, da necrópole de urnas da Chaminé.



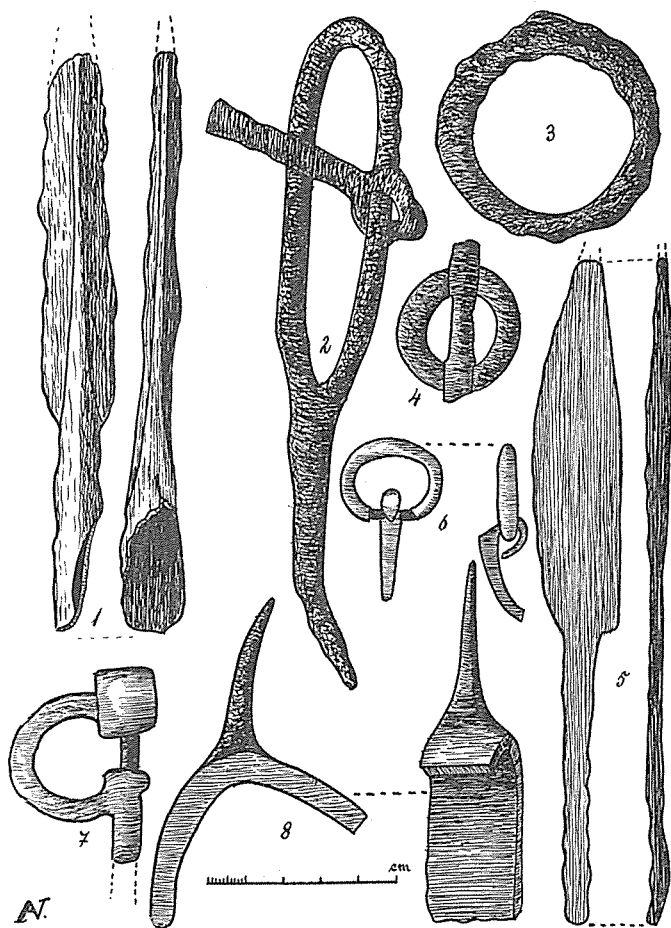
1 a 8, 11-12 e 10-13 — Cossiros de barro, fíbula e alfinete (?) de bronze, da necrópole de urnas da Chaminé.



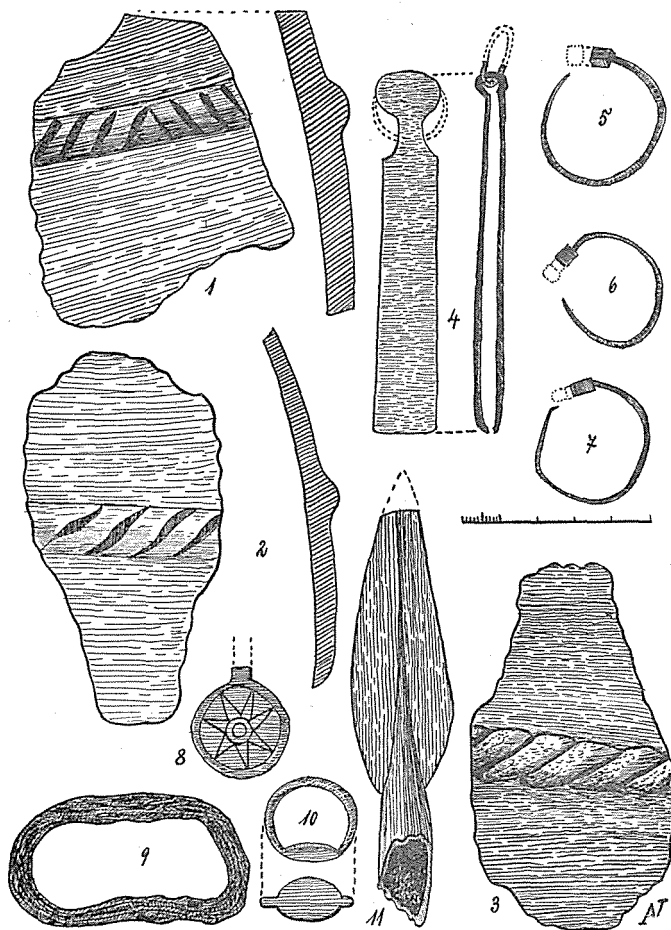
Fragmentos de cerâmica ornamentada, da necrópole de urnas da Chaminé.



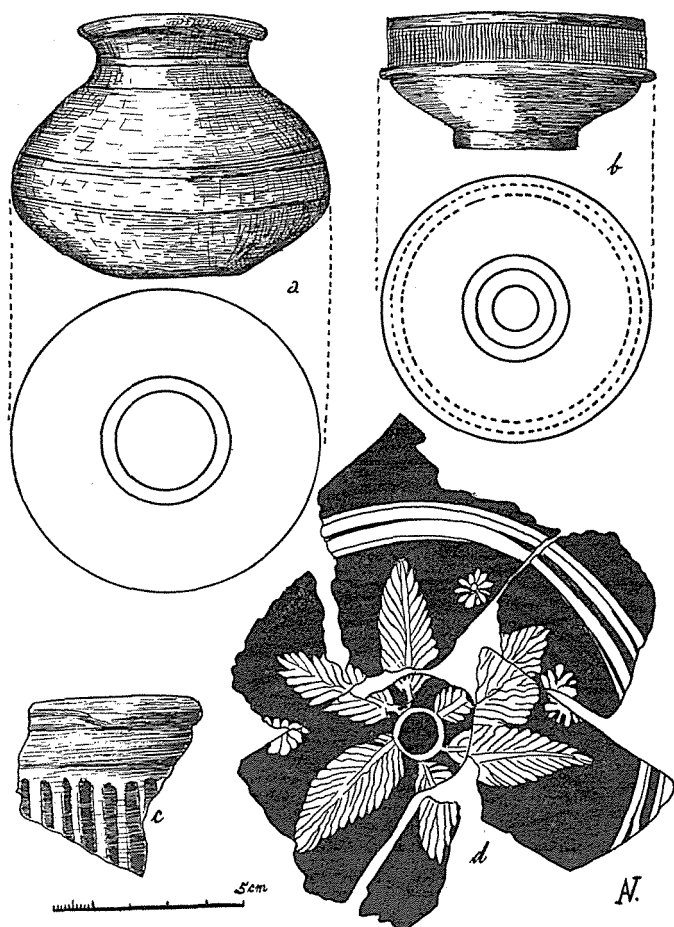
1 — Arco de uma fibula de bronze (Terrugem). 2 — Espada da necrópole de urnas da Chaminé. 4 a 9 — Fibulas e alfinetes de bronze, da necrópole de urnas da Chaminé. 10 a 12 e 14 — Objecto de prata (10), de bronze (14), colherinha e amuleto antropomorfo, de osso (Terrugem). 13 — Pinça de bronze (Carrão).



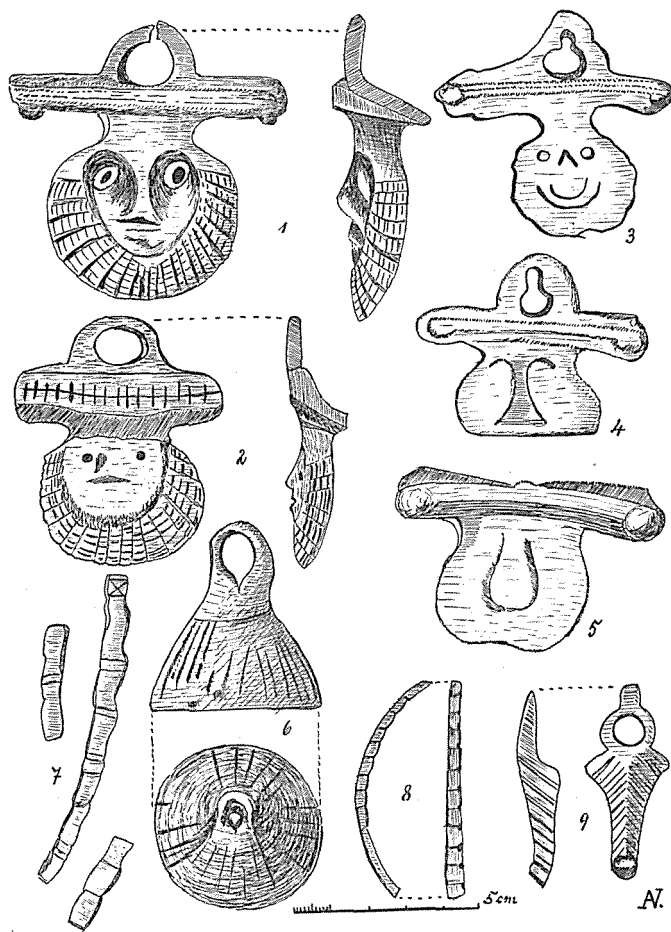
1 — Lança de ferro. 2 — Fragmento de freio (?). 3 e 4 — Argolas de ferro. 5 — Faca de ferro. 7 — Peça de bronze. 8 — Acicate de ferro (necrópole de urnas da Chaminé). 6 — Fivela de bronze (Carrão).



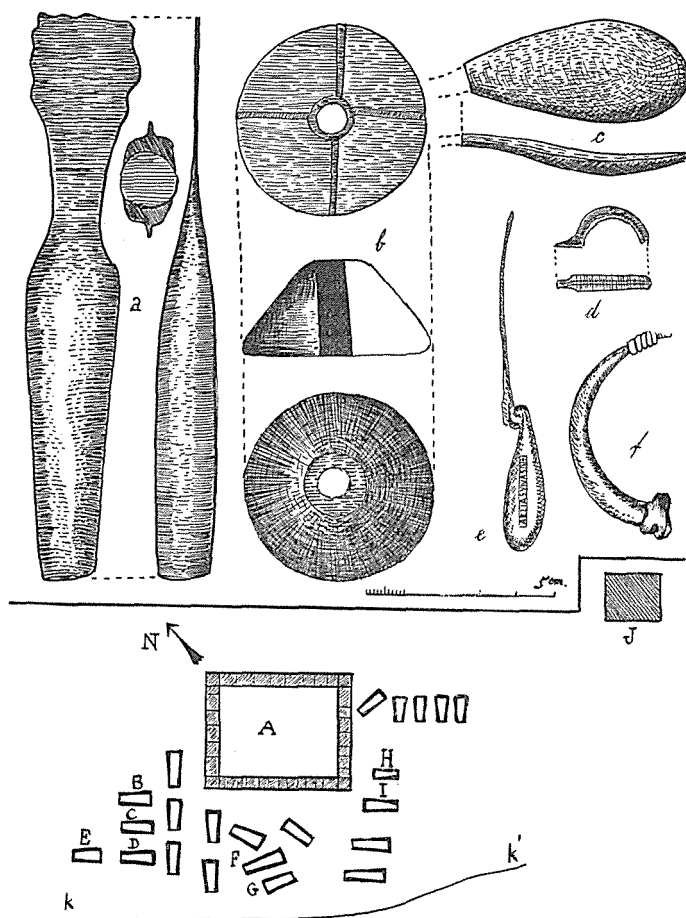
1, 2 e 3 — Fragmentos de grandes vasilhas com ornatos incisos (urnas da Chaminé). 5, 6 e 7 — Alfinetes de bronze (Terrugem). 4, 8 e 9 — Pinça de ferro, ornato de bronze e argola de ferro (necrópole de urnas da Chaminé). 10 — Anel de bronze, da necrópole n.º 2 da Chaminé.



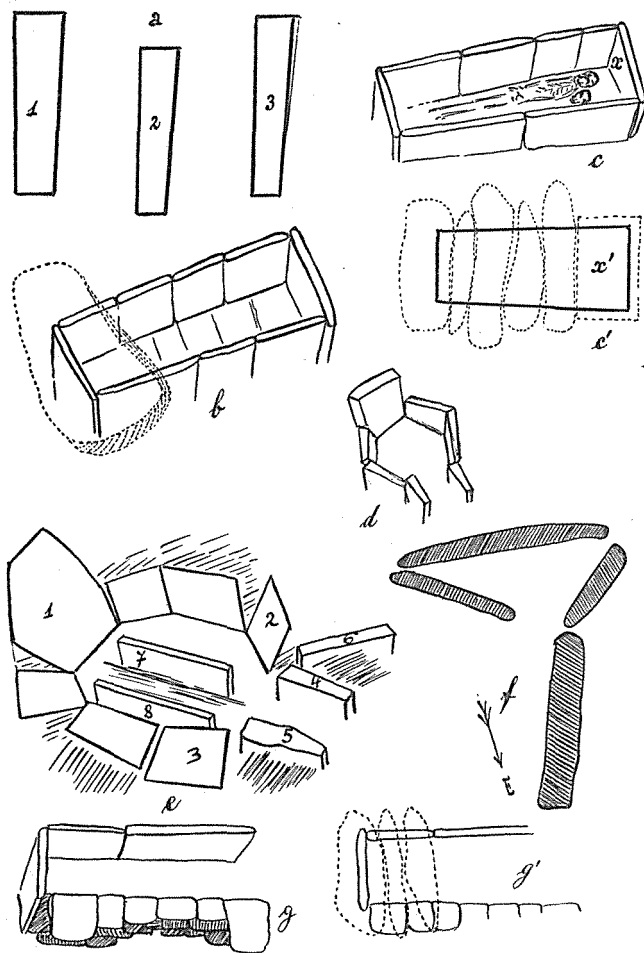
a) e b) — Pequena urna e *terra sigillata* com a palavra MAXVMA gravada no exterior (necrópole n.º 2 da Chaminé). c) — Fragmento cerâmico de barro vermelho, com ornatos pintados a vermelho-escuro (necrópole de urnas da Chaminé).



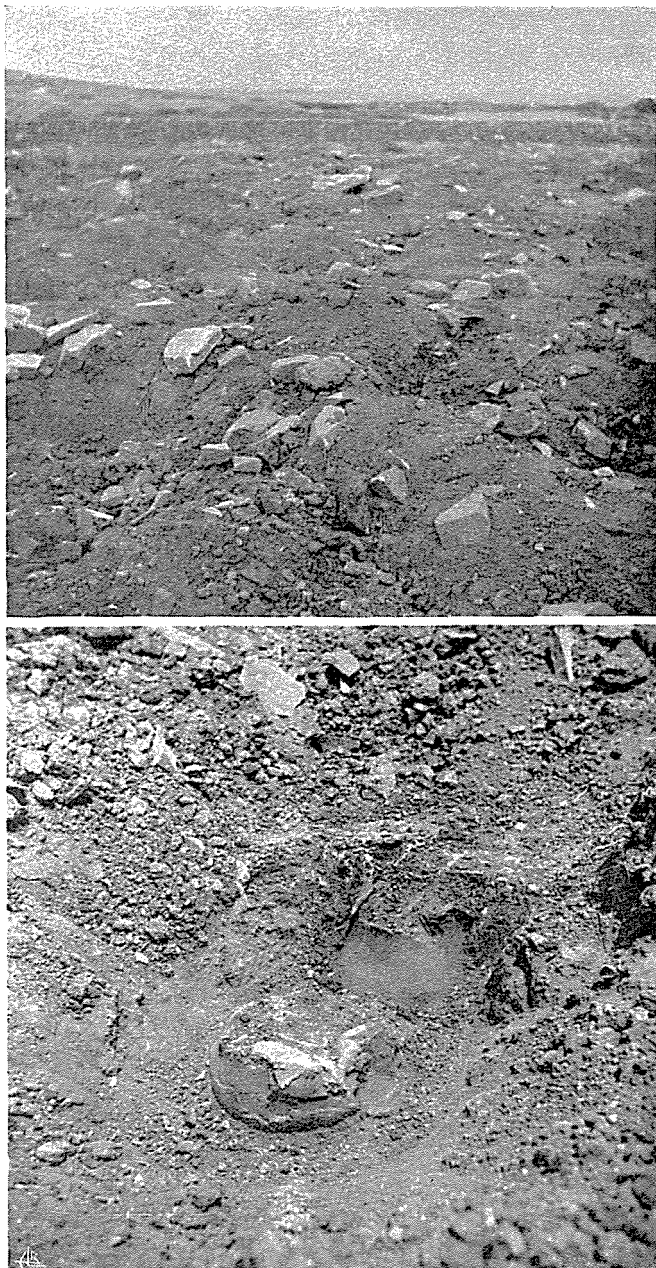
Objectos de bronze, da Terrugem. 1 a 5 e 9 — Asas de *situla*.
6 — Campainha. 7 e 8 — Fragmentos de adornos circulares.



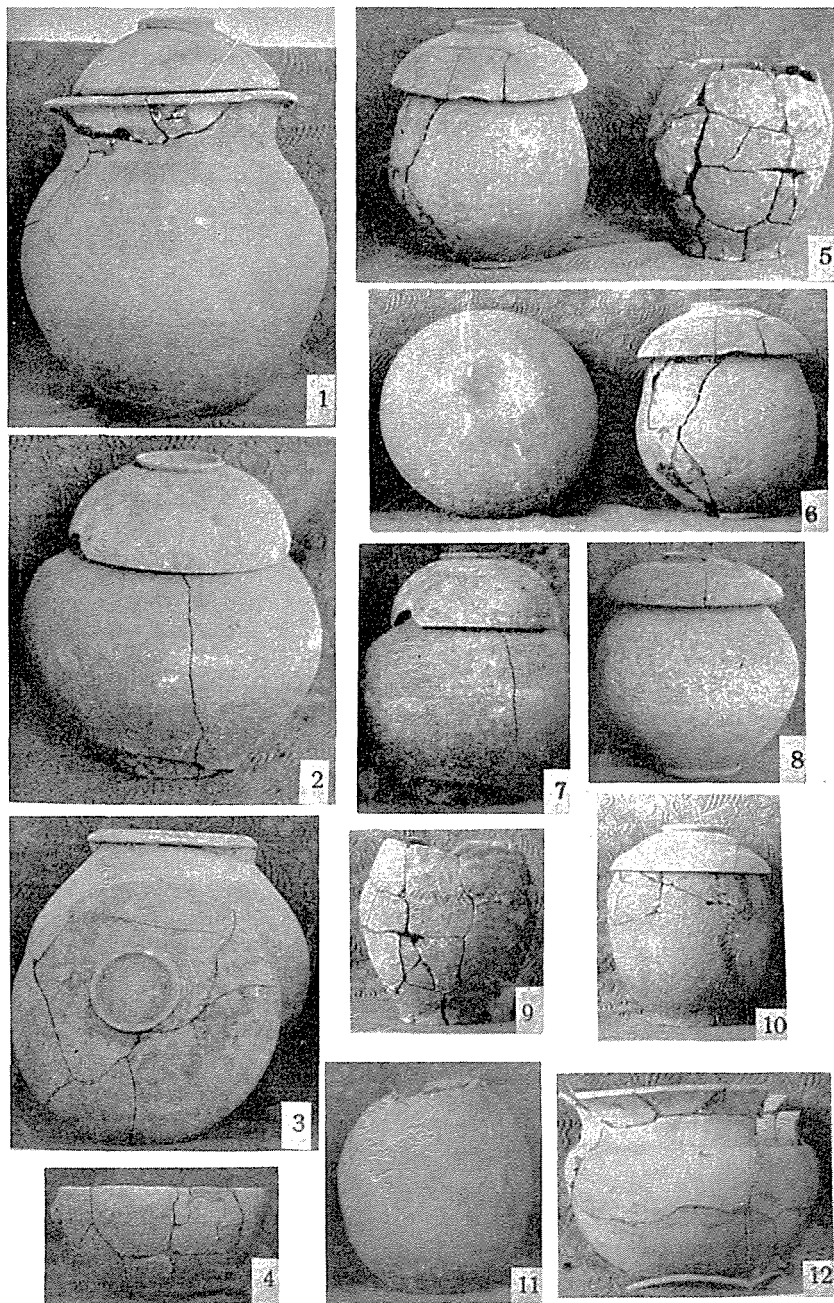
a), c), e) — Formão de ferro, concha de colher de bronze e colher litúrgica de prata, da Terrugem. *b), d), f)* — Cossioiro de barro, íbula e fragmento de brinco de bronze, da necrópole de urnas da Chaminé. Em baixo: — Esboço topográfico de uma parte da estação romano-visigótica da Terrugem. A — Restos de edifício. B — Sepultura com dois crâneos. C — Sepultura com cinco crâneos. D — Sepultura com sete crâneos. E — Sepultura com fíbulas. F — Sepultura com dois esqueletos. G — Sepultura de criança. H — Sepultura de criança. I — Sepultura de mármore. J — «Monte» de Santo António. K-K' — Linha de água.



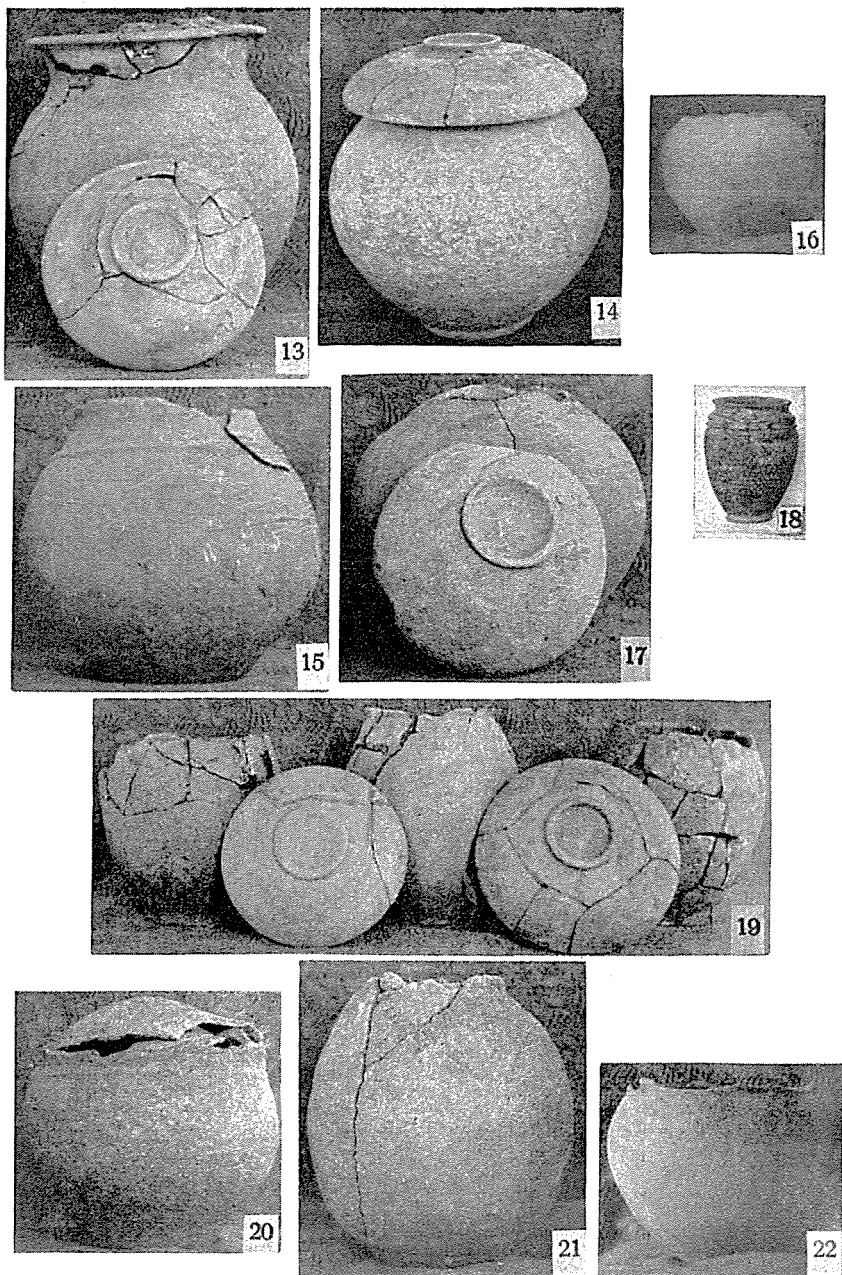
a) — Disposição das três sepulturas romanas da Herdade da Camuja.
 b) — Sepultura n.º 1 da Camuja. c, c') — Sepultura n.º 2 da Camuja
 (x — Lápide de *Falma*. x' — Lápide de *Sexto e Catínia*). d, f) — Antas da Herdade da Farisoa. e) — Anta da Herdade do Carvão (1 a 6 — Esteios que surgem à superfície do terreno; 7 e 8 — lajes de uma sepultura inclusa).



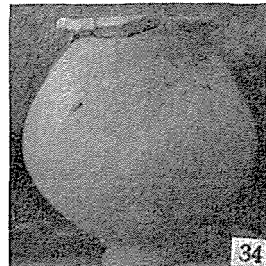
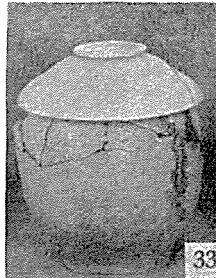
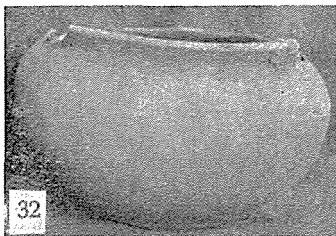
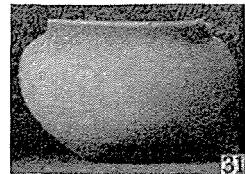
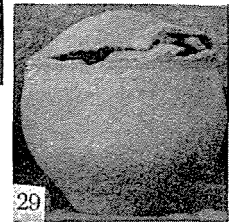
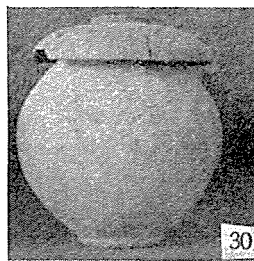
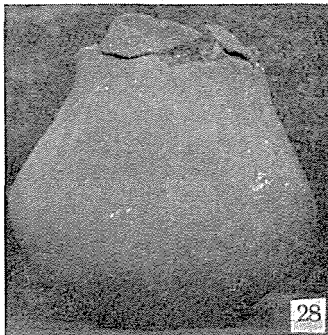
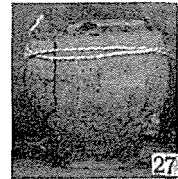
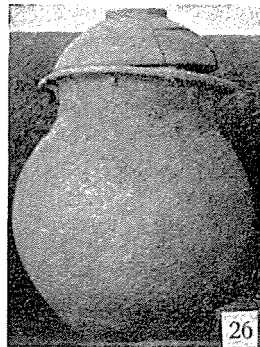
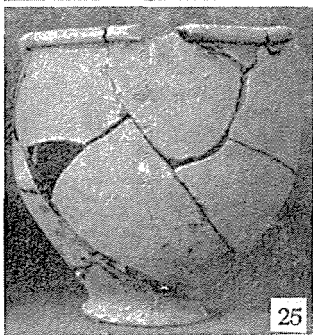
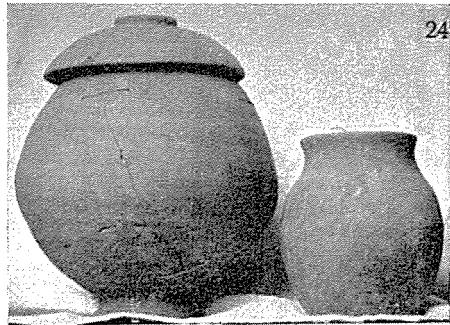
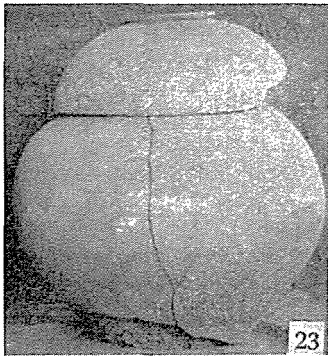
Em cima : — Aspecto de uma parte da necrópole de urnas, da Chaminé, após os trabalhos. Notar a pouca quantidade de pedras que não sejam de pequenas dimensões. Em baixo : — Duas urnas cinerárias, *in situ*.



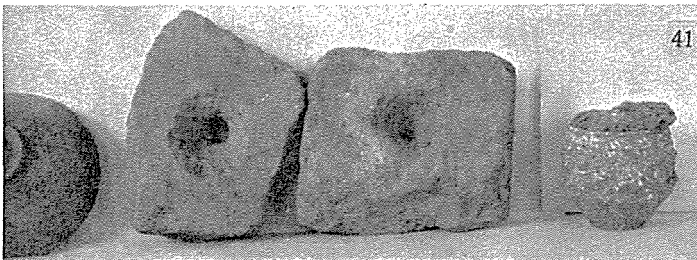
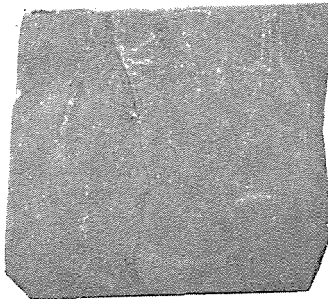
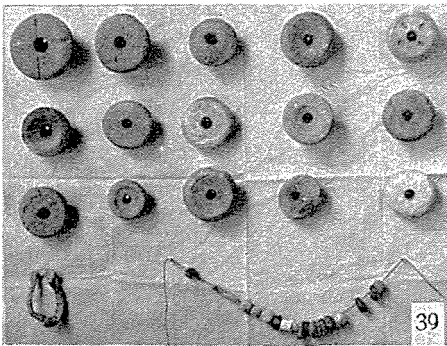
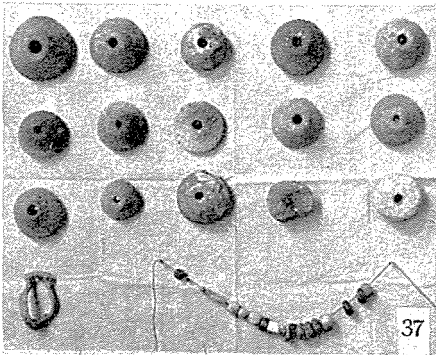
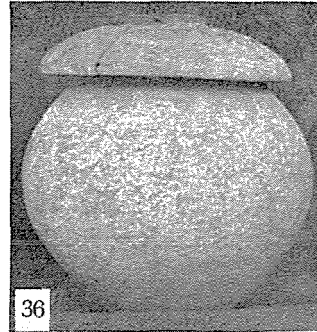
Necrópole de urnas da Chaminé. Diversos formatos de urnas e de taças que serviam de cobertura. Os n.ºs 3 e 6 mostram o fundo exterior de duas taças.



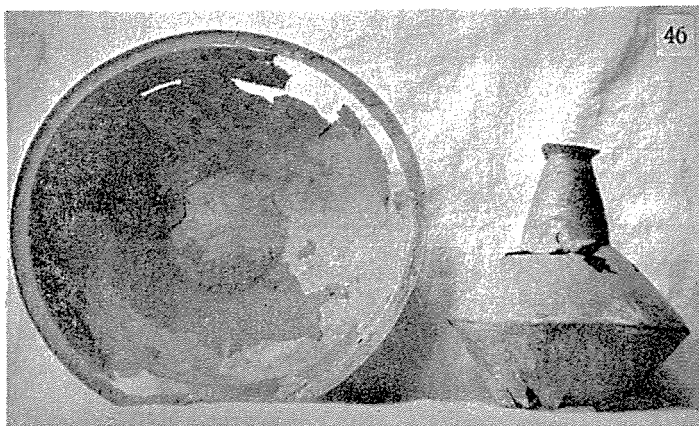
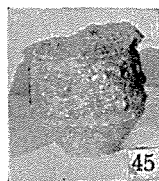
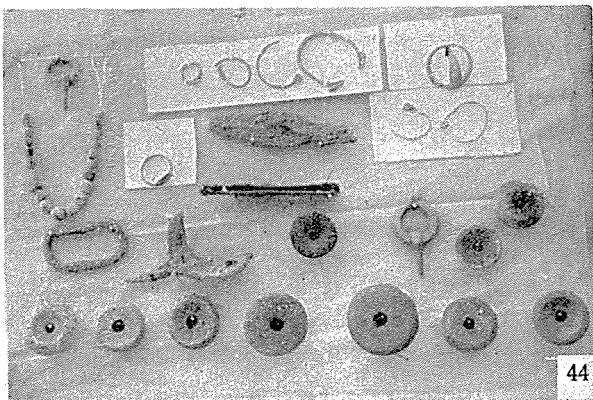
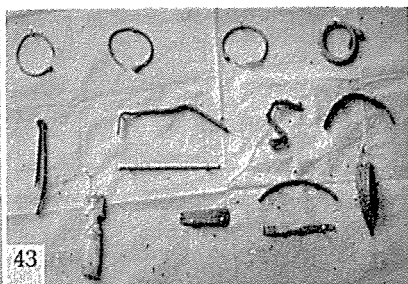
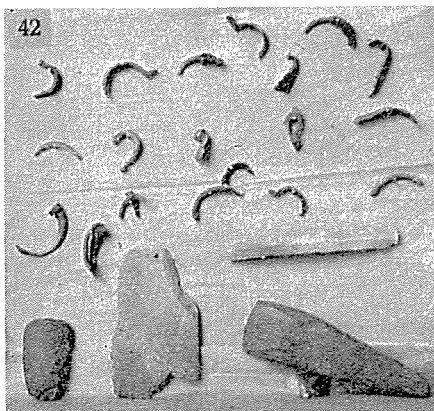
Necrópole de urnas, da Chaminé. Urnas e respectivas taças que serviam de tampas. N.º 18 — Pequeno vaso de barro negro, ornado.



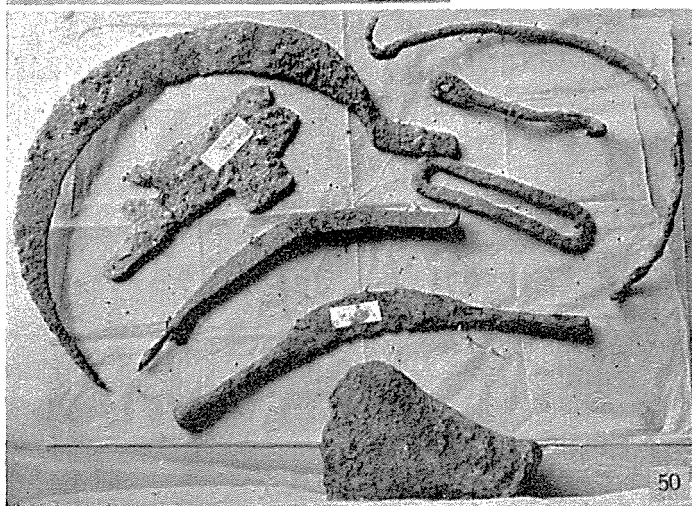
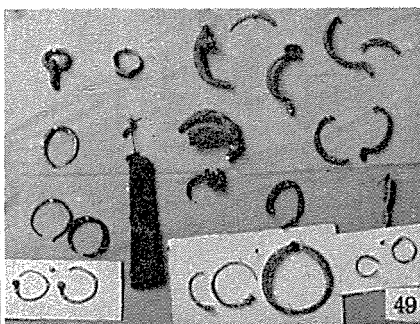
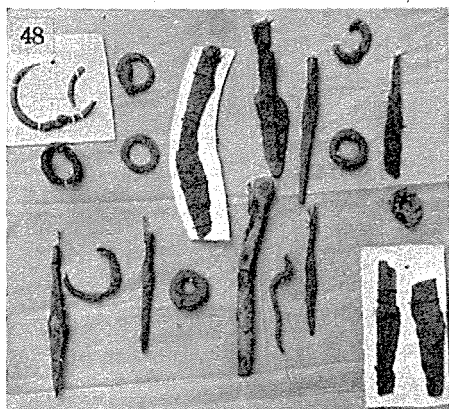
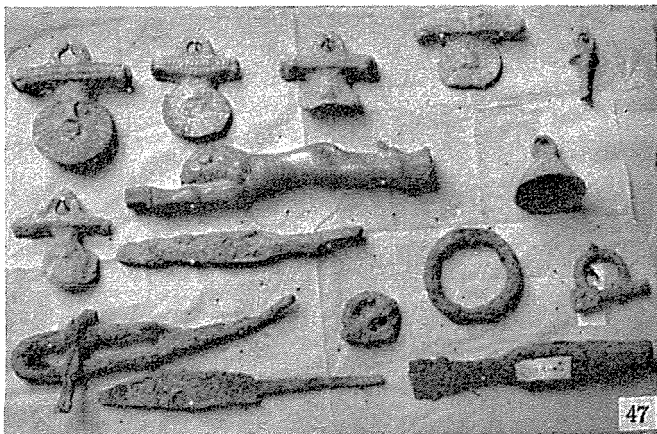
Necrópole de urnas, da Chaminé. Urnas e taças de cobertura.



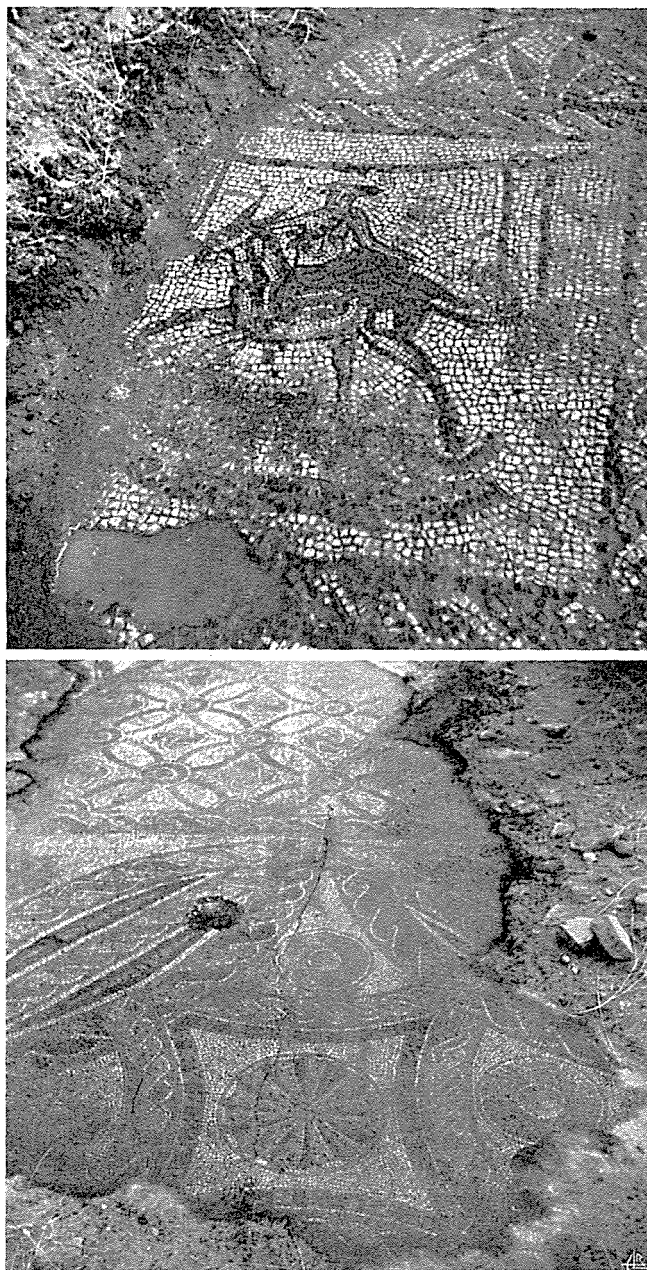
Necrópole de urnas, da Chaminé. 35 e 36 — Urnas e taças. 37 e 39 — Cossioiros e fibula, vistos de ambos os lados; contas de colar. 38 — Espada curta, de ferro, de antenas. 40 — Tampa de pedra, de urna, notando-se o círculo de contacto com o bocal da vasilha. 41 — Taça; pequena urna com cinzas; pedras furadas.



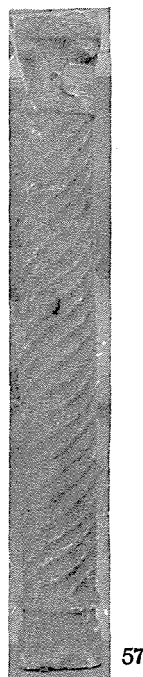
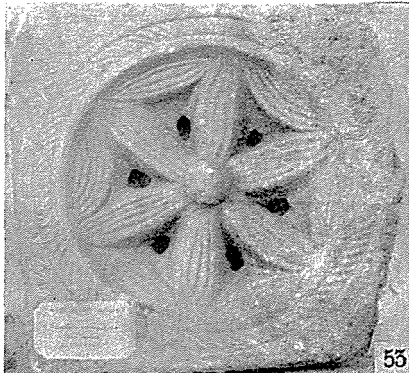
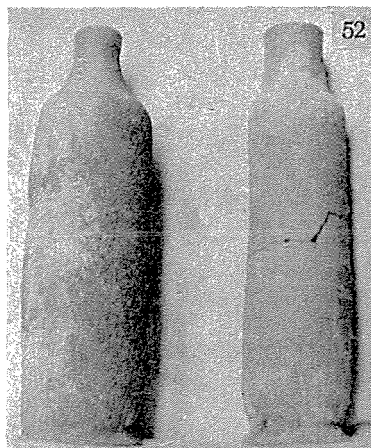
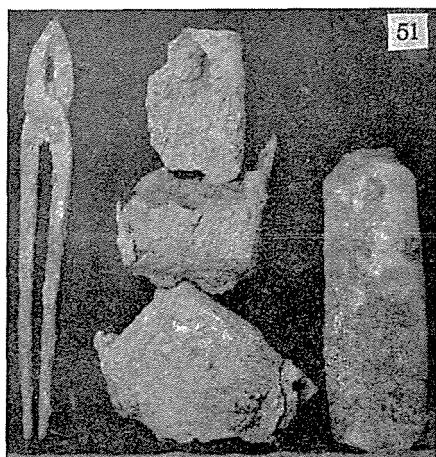
42 — Fragmentos de fíbulas e de brincos, da necrópole de urnas da Chaminé; machado, enxó e faca, da Anta da Chaminé, Anta da Farisoa e Atalaião (vid. Fig. 6). 43 — Fíbulas da necrópole de urnas da Chaminé; amuleto de osso, pinças e alfinetes de bronze, da Terrugem. 44 — Cossioiros, fíbulas, espora, ponta de lança, alfinetes e contas de colar, da necrópole de urnas da Chaminé. 45 — Pequenina urna cinerária, da necrópole de urnas da Chaminé. 46 — Grandes vasilhas de bronze, da Terrugem.



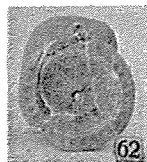
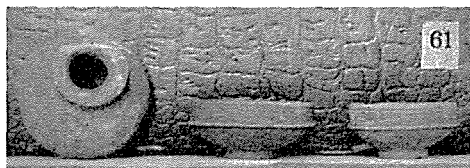
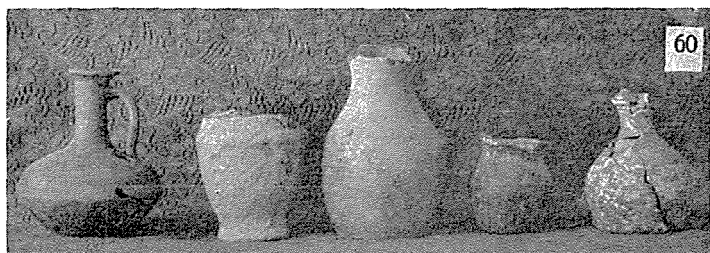
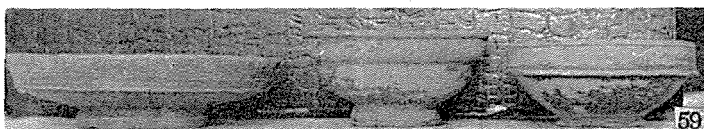
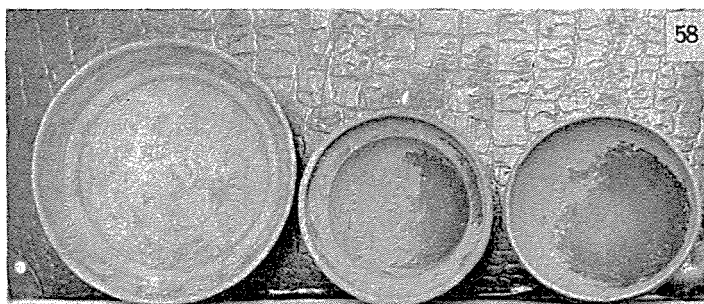
Objectos de bronze e de ferro, da Terrugem; faca e argolas de ferro, da necrópole de urnas, da Chaminé. 48 e 49 — Pinça, pontas de dardo, brincos, fíbulas, alfinetes, ponta de lança e facas aílcatadas, da necrópole de urnas, da Chaminé. 50 — Foicinho, machada, machado, cutelo de dois cabos e outros objectos de ferro, da Terrugem.



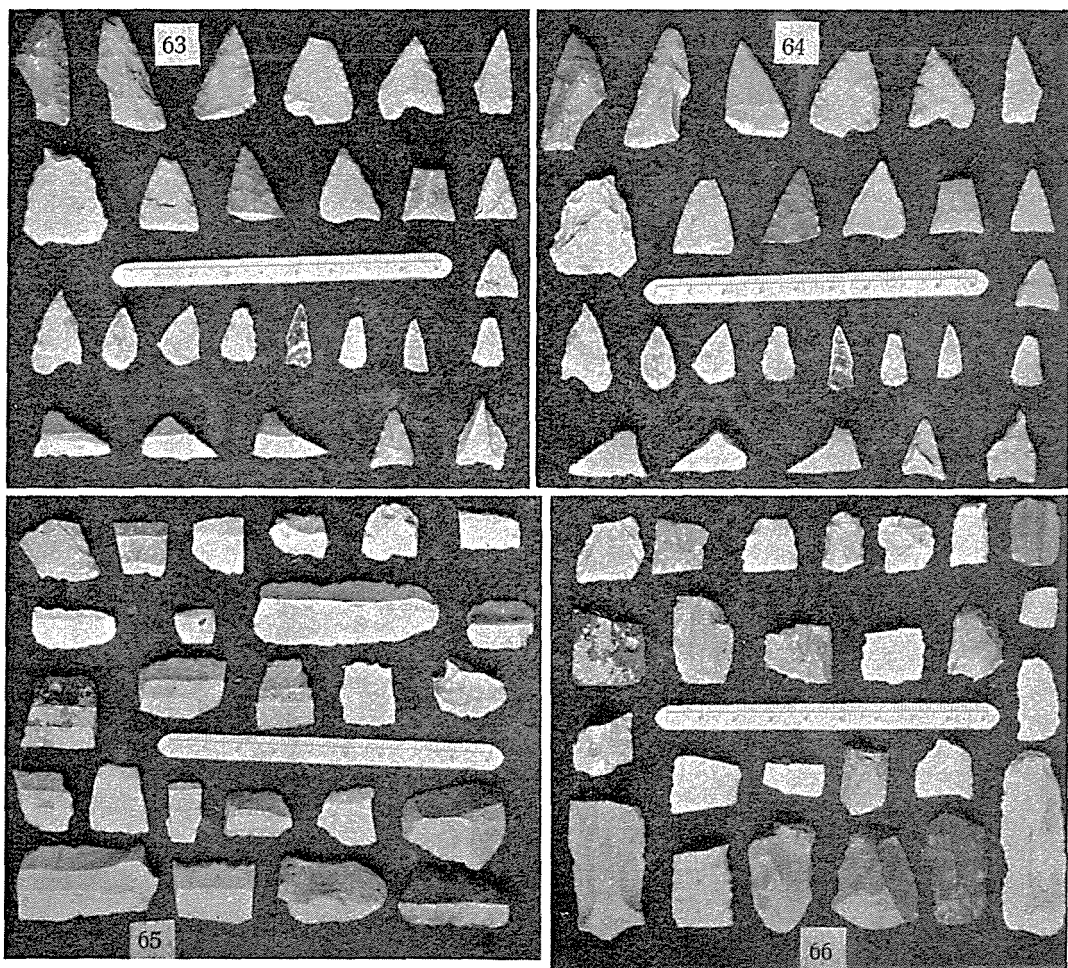
Mosaicos do Carrão.



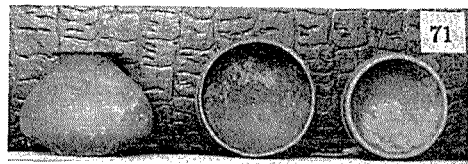
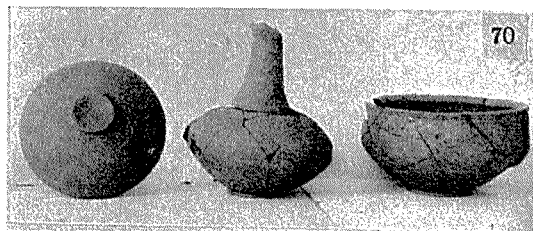
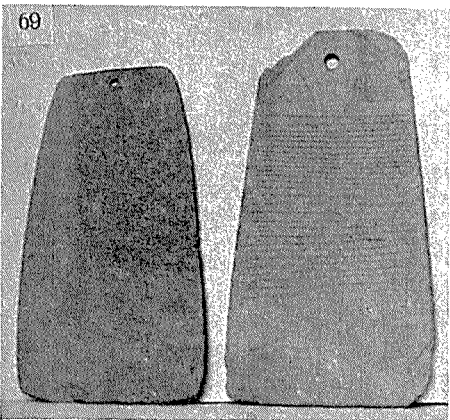
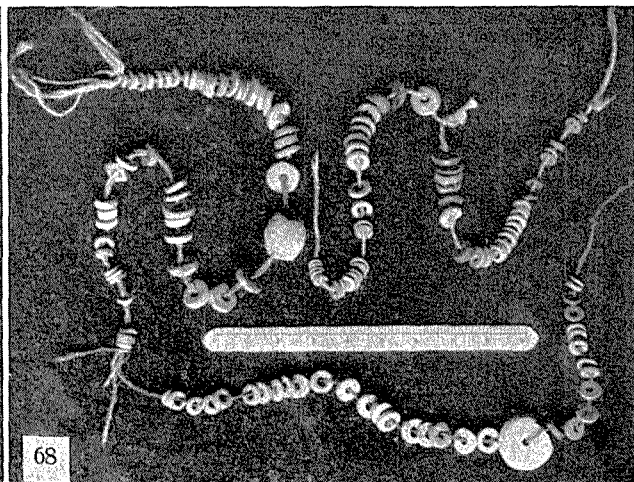
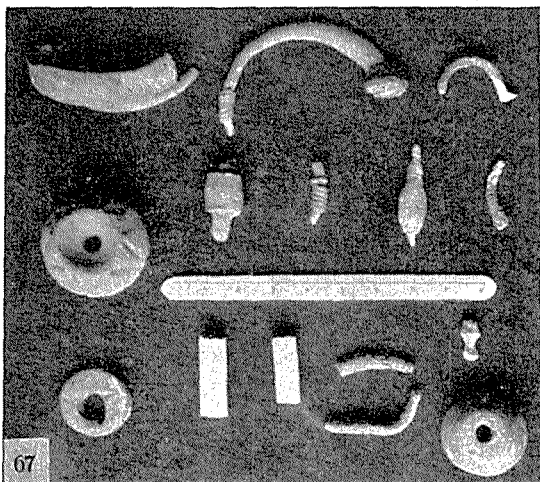
51 — Tenaz de ferro, chocalhos de bronze e manilha de canalização (Terrugem).
52 — Rosácea (Terrugem). 54 e 55 — Urnas (Chaminé). 56 — Mosaico (Carrão).
57 — Colunelo (Terrugem).



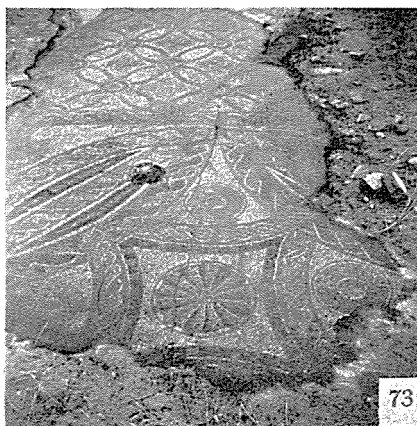
58 e 59 — *Terra sigillata* (Carrão). 60 — Urnas da Chaminé e vasilhas do Carrão.
61 — Vaso de barro e *terra sigillata* da necrópole n.º 2 da Chaminé. 62 —
Lucerna da necrópole n.º 2 da Chaminé.



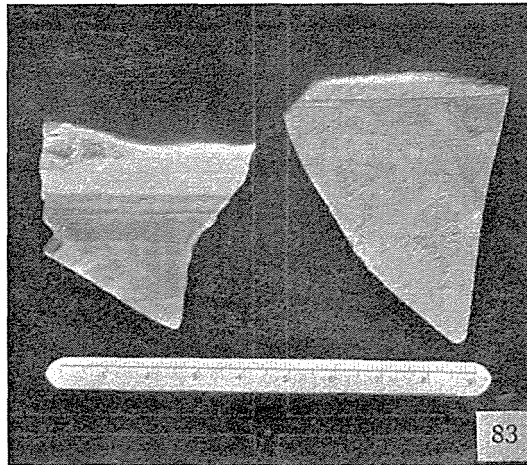
63 a 66 — Pontas de setas, facas e fragmentos de facas do Atalaião (Vila Fernando). Vista de ambas as faces.



67 — Fragmentos de brincos e de braceletes e dois cossoiros, o menor destes, do Atalaião, e os restantes objectos, da necrópole de urnas, da Chaminé; grande conta discóide e duas contas cilíndricas, de calcário, do jazigo de Alcarapinha. 68 — Contas de colar, da Alcarapinha. 69 — Placas de xisto, do Genemigo (à esquerda) e do Monte Carvão (à direita). 70 — Cerâmica da Chaminé. 71 — Taças de *terra sigillata*, da Terrugem, e à esquerda uma urna da Chaminé.



72 e 73 — Mosaicos do Carrão. 74 — Sepulturas do cemitério romano-visigótico da Chaminé. 75 — Sepultura da necrópole romana da Camuja. 76 — Cerâmica da necrópole de urnas da Chaminé e objectos de ferro da estação visigótica da Terrugem. 77 e 78 — Cerâmica da necrópole de urnas da Chaminé.



83 — Fragmentos de cerâmica vermelha, com ornatos pintados a negro, da necrópole céltica, de urnas, da Chaminé. 84 — Extracção de uma urna da necrópole céltica da Chaminé. Comparar com a fot.^a da Est. I, na qual se vê surgir outra urna junto desta. São das menos despedaçadas pela pressão da terra e cascalho que as envolvem.